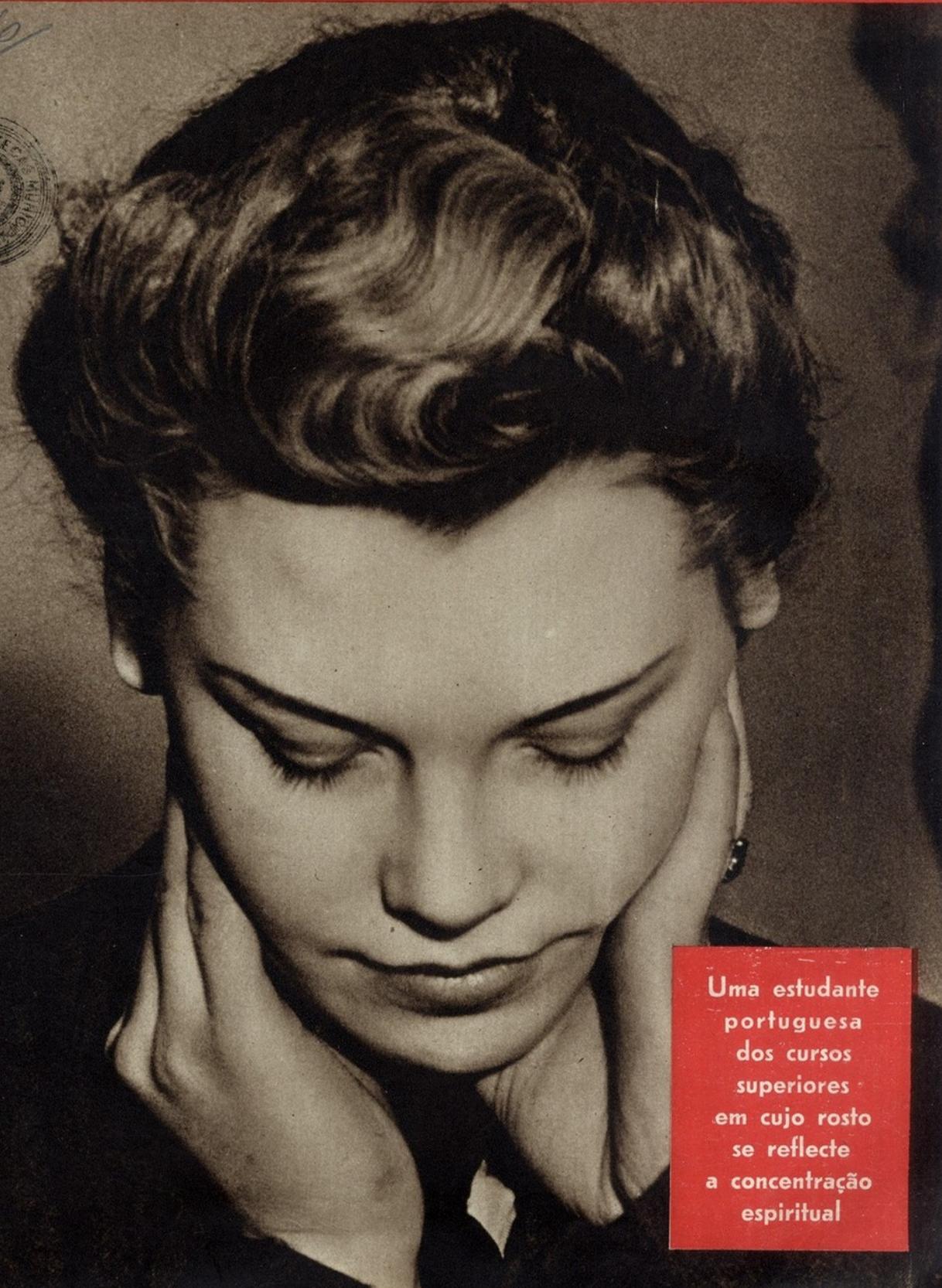


43

DEPÓSITO LEGAL
ABR 1942

MUNDO GRÁFICO

36



Uma estudante portuguesa dos cursos superiores em cujo rosto se reflecte a concentração espiritual

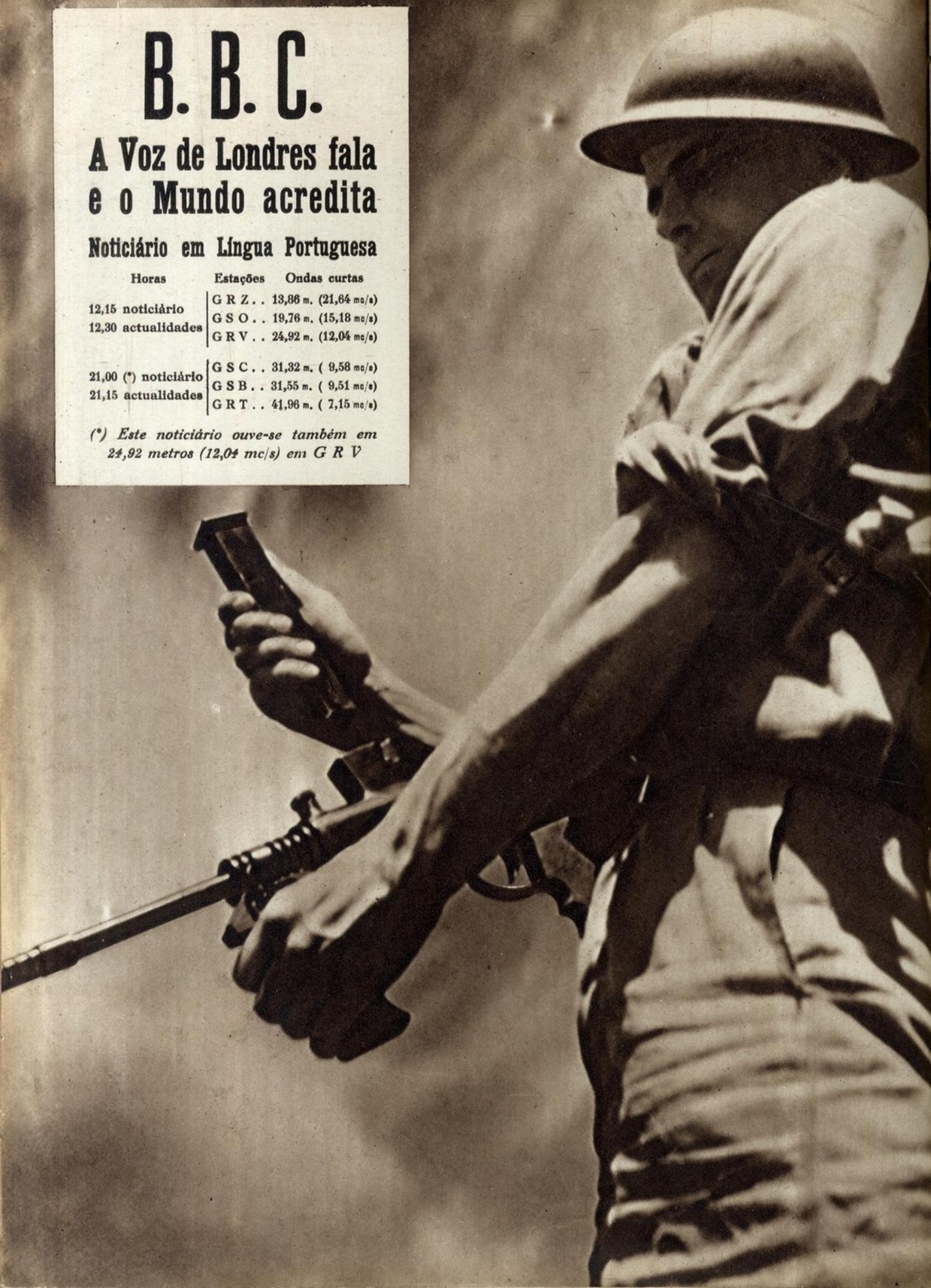
B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,84 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V



Sumário

OS INGLÊSES NA BATALHA DO AMEIXIAL, de Rocha Martins

JOHN CHARLES HAYDON, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

REFLEXOS DO MUNDO

A DEFESA DA AUSTRÁLIA

A «RENAULT» DESTRUÍDA!

SEMANA SANTA

OS OLHOS DO MAR

(fotos de J. Lobo)

UMA HORA COM O MINISTRO DO MÉXICO, por S. Saboya

A OFENSIVA DA AMÉRICA

FIGURAS E FACTOS

JÓIAS DE HÁ QUATRO MIL ANOS

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

A MURALHA DA CHINA

LEGENDA DE UM RIO

GIGANTES DO MAR

A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

FORAM ATINGIDOS!

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

LITERATURA INGLÊSA

O CRUZEIRO, novela de Joaquim Namorado

OS LIVROS DA QUINZENA

CINEMA, de António Lourenço



O Tejo das Conquistas e Descobertas

DIA E NOITE...

Os inigualáveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA—RIO DE JANEIRO

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



MÁQUINA
DE ESCREVER
NÃO ERA
CONHECIDA
ATÉ QUE
EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

- Comerciais
- Portáteis
- Somar
- Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL
ESPECIALIZADO

Ficheiros

KARDEX

e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia 20-1.º
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1276

Os ingleses na Batalha do Ameixial

de Rocha Martins

NA Sala das Batalhas do histórico Palácio Fronteira, pertencente ao senhor conde da Torre, existem quadros de esplêndida factura de azulejo nos quais se marcam as posições dos diferentes exércitos suas fracções e componentes na Guerra da Restauração.

Travou-se, em 8 de Junho de 1663, a batalha do Ameixial contra o poderoso exército do celebrado D. João de Austria e no soberbo painel que a evoca aparecem as figuras das personagens desde aquele general inimigo até ao marquês de S. Germano e, no meio das hostes portuguesas, o grande cabo de guerra conde de Vila Flor. Erguem-se signas e estandartes nos dois campos entre florestas de lanças das quais irrompem como flôres triunfais. Corseis de guerra abandonados, correm velozmente e no acesso dos vários combates tudo se envolve em fumo, ao passo que, noutro trecho do quadro, se destaca a artilharia em posição. Cavalgando entre dois Terços, armados de piques, e fazendo o gesto de comando, surge o mestre de campo D. Fernando de Mascarenhas. A certa altura vinca-se um grupo de fardas diferentes das portuguesas, ostentando uma espécie de capacetes que lembra os clássicos chapéus altos. Alguns soldados segurando os mosquetes pelas coronhas, desencadeiam a investida. A legenda diz distintamente «Engleis». Presta-se assim homenagem à acção dos Terços Ingleses na decisiva batalha do Ameixial.

Os cronistas da época e, sobretudo, o conde da Ericeira, que tomou parte na peleja, descreveram o papel importante que aquelas tropas desempenharam no aflitivo transe em que Portugal se debatia.

E ora estava em poder do inimigo; abriu-se-lhe o caminho de Lisboa onde já se tomavam precauções que seriam tão inúteis como as de 1580 em Alcântara, se D. João de Austria tivesse avançado.

A batalha ia deflagrar-se em terreno tão favorável ao inimigo que na carta escrita pelo general a Felipe IV seu pai, não se fartava de encarecer a posição. Os primeiros terços que investiram eram comandados por Tristão da Cunha, Francisco da Silva Moura, João Furtado de Mendonça e o tenente coronel inglês Tomás Hut que avançou pelo lado esquerdo «e como esta parte — diz o conde da Ericeira — era a mais vizinha à campanha em que a cavalaria pelejava, investirão dos ingleses quatrocentos cavalos! Com grande resolução, porém elles cerrando as bocças de fogo em o centro do troço da picaria, forão as cargas tão repetidas e a resistência tão impenetravel que tiverão lugar os tres Terços referidos governados pelos dous Cabos, de vencer a asperesa do monte tão inacessivel que o comparou D. João de Austria, quando chegou a occupa-lo ao Castelo de Milão. Entrarão, depois, outras tropas a pelejar até cercarem o monte tomado como baluarte e ao avançar a infantaria começava a cortar-se pelo lado esquerdo, que nesse dia deu a forma da batalha do regimento de Ingleses do coronel Diogo Apsey; seguiam-se os Terços de João da Costa Brito, Manuel Ferreira Rebelo, Alexandre de Moura, Jaques Tolon, Martin Corrêa de Sá e Pedro Cesar de Meneses».

De tal maneira decorreu a acção que D. João de Austria, guerreiro valoroso, abandonou no campo até papéis de valor, a amante e um estandarte onde o Sol dava resplendor a Lua entre estrélas com a legenda: «Sinhos Sol, Será Deidad».

Ficaram prisioneiros muitos senhores; caíram em mãos portuguesas ótimos despojos; os mortos foram muitos de lado a lado mas tendo os espanhóis perdido mais capitães.

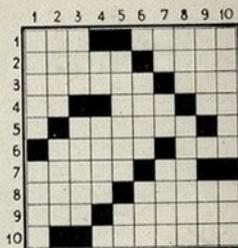
«Das tropas Inglesas, acentua o historiador conde da Ericeira, morrerão cincoenta soldados infantes, e de cavalo, em que entrou o tenente coronel D. Miguel Ogan».

De novo se misturara sangue dos aliados ao empapar um campo de batalha onde Portugal se batia pela sua Independência.

A primeira vez fôra em Aljubarrota e por idéntico motivo; a libertação do reino que D. Afonso Henriques talhara. A segunda era aquela em que lado a lado, pelejavam pela mesma Causa os britânicos e os portugueses.

Otras lutas chegariam de que eram sangrentos e belos prologos: Aljubarrota e Ameixial.

PROBLEMA N.º 36



HORIZONTAIS

- 1 — Êrmos — Casas de campo.
- 2 — APELIDO DO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DA AUSTRÁLIA. — Cilada.
- 3 — Grande cetáceo mamífero e aquático — Esteiro de rio.
- 4 — Artigo (ant.) — Renque — Viração.
- 5 — APELIDO DO PRIMEIRO MINISTRO AUSTRALIANO.
- 6 — Defeito — Contração de preposição e artigo (pl.).
- 7 — Mulheres fantásticas dotadas de poder sobrenatural. — Macho.
- 8 — Rézes — APELIDO DO MINISTRO DA AUSTRÁLIA EM WASHINGTON, NOMEADO PARA FAZER PARTE DO GABINETE DE GUERRA BRITANICO.
- 9 — Rubor das faces — Está necessitado.
- 10 — Camponeses.

VERTICAIS

- 1 — Tapume de ramos para vedação de terrenos — Ponto de convergência ou donde ssem emanções.
- 2 — Do feitio de ovo — Curo.
- 3 — Cloreto de sódio — Abandonar.
- 4 — À ti — Juntas.
- 5 — Mitras dos pontífices — Símbolo do cloro (quím.).
- 6 — Paragem — Duas consoantes e uma vogal de «deca».
- 7 — Caminhar — Nesse lugar — Oportunidade.
- 8 — Interpretar o que está escrito — Repugnância.
- 9 — Transfere — Repetição de som.
- 10 — Campos de cereais — Afirmação (inglês).



Solução do Problema N.º 35

REFLEXOS DO MUNDO

A espada de Mac Artur

Mac Arthur é o novo comandante em chefe do Sudoeste do Pacífico. A sua acção valorosa nas Filipinas assombrou o mundo. A um exército, incomparavelmente superior em homens e material, opôs Mac Arthur as suas forças reduzidas, mas determinadas, que têm repellido, com êxito, o invasor japonês.

A intrepidez e a vontade do general americano levaram ao suicídio o adversário japonês, que assim confessou a sua derrota.

Mac Arthur vai deter na Austrália o avanço dos invasores, e ainda servir-se dela como base para a sua ofensiva. Mac Arthur é já hoje um símbolo da vitória que há-de iluminar o mundo, na defesa dos princípios eternos da humanidade.

O frio e o trabalho

Londres sofreu este ano um rigoroso inverno. Janeiro e Fevereiro foram para os londrinos meses gelados.

A cidade esteve constantemente envolta num lençol de neve.

A média de temperatura naquela cidade foi de 16 graus abaixo de zero. Nos 52 dias que vão de 6 de Janeiro a 27 de Fevereiro só em doze não caiu neve. Apesar disso a população industrial trabalhou como nunca, batendo todos os records da produção de material de guerra.

Fuga audaciosa

Conhece-se agora a audaciosa aventura dum grupo de chineses e ingleses que fugiram de Hong-Kong, chefiados pelo almirante chinês Chan Chat.

O almirante perdeu uma perna em serviço do seu país.

O grupo conseguiu embarcar numa lancha, mas, em virtude do tiroteio dos japoneses foi obrigado a lançar-se ao mar nadando até à ilha mais próxima. Alguns homens foram mortos, mas outros, feridos, alcançaram o seu objectivo.

O almirante foi atingido num pulso. Apesar disso e de ser um mutilado, com uma coragem indomita acompanhou os ingleses até chegar a terra firme, que já estava infestada de japoneses. Guiados por um brioso guerreiro, durante 12 dias, atravessaram as linhas inimigas, ocultando-se de dia para avançar durante a noite.

Por fim, alcançaram a terra livre da China, estando agora a combater contra o invasor, com a temeridade e a audácia de que já deram tão brilhantes provas.

Londres sorri

Em Londres, num restaurante típico dirigido por um homem inteligente e simpático que é considerado um dos mestres da arte de Vatel.

A sua mesa estão sentados quatro pilotos da R. A. F., duros, alegres, despenados, expressões puras de heroísmo radioso.

De vez em quando olham-se mutuamente. Há um mesmo que verifica no porta-moedas o seu quantitativo. Tem um apetite de ferro, mas tudo indica que não deve nadar em 'inheiro.

No final da refeição, com certo acanhamento, mandam vir a conta. O mestre da arte de Vatel sorri-lhes revendo tempos que não voltam.

De facto, o dinheiro não chegava.

Então, o dirigente do estabelecimento aproxima-se dos aviadores e diz-lhes com os melhores seus sorrisos:

— Não podendo já combater o inimigo, posso ao menos tratar bem aqueles que todos os dias expõem a sua vida para salvar a Pátria. Por hoje não é nada!

Exemplo de patriotismo



Já aqui falamos do nobre patriotismo de Lady Mac Robert, que ofereceu à Inglaterra um bombardeiro, no valor de 25 mil libras, em memória dos seus três filhos aviadores mortos na guerra.

O bombardeiro — baptizado com o nome de «A Resposta dos Mac Robert» — já tomou parte em muitos ataques martelando o solo inimigo e sempre victorioso. O espírito dos Mac Robert, para além da morte, continua invencível, batalhando para a vitória e para a glória da sua Pátria. Lady Mac Robert acaba de oferecer quatro esças, que custaram 25 mil libras. Esses aviões serão baptizados com os nomes dos três filhos de Lady Mac Robert. Sir Allasair, Sir Roderic e Sir Jan, denominando-se o quarto The Lady...

São assim as mulheres inglesas!

Churchill operário



Há alguns anos, teve a ideia de construir, ele próprio, uma habitação na sua propriedade do condado de

Kent. E, se bem o pensou, melhor o fez. Meteu mãos à obra e, a breve trecho, adquiria tal desembaraço que conseguia colocar um tijolo por minuto. O trabalho foi tão bem executado que o sindicato dos operários de construção civil o admitiram como «aprendiz adulto», distinção que encantou, pela sua simplicidade, o Primeiro Ministro.



AS ARMAS DA INGLATERRA

Um herói



O recente ataque inglês ao porto de rádio-localização, perto do Havre, foi comandado pelo tenente-coronel Pickard. Tem 36 anos.

Pickard já era muito conhecido antes de dirigir o audacioso raid. É um dos heróis do célebre filme «Objective» para esta noite».

A sua façanha, porém, excedeu em realidade as maiores audácias da obra cinematográfica. Na mesma ocasião em que Pickard provava não ser apenas excelente actor mas um dos mais ousados «commendos» como os ingleses chamam às suas tropas de choque, o filme era premiado em Hollywood como sendo o melhor documentário do ano.

O tenente-coronel Pickard andou já, com os outros tripulantes do seu avião, depois dum ataque à Alemanha, durante 13 horas à deriva, sobre o mar, num pequeno bote de borracha, tendo sido depois recolhido por um navio da marinha mercante inglesa.

O aniversário de Roosevelt



O Presidente Roosevelt foi, por ocasião do seu aniversário, felicitado por milhares de pessoas: políticos, testas coradas, presidentes da República, financeiros, estrelas cinematográficas. Essa gigantesca homenagem queria exprimir não só os sentimentos da nação mas ainda os da quasi totalidade do mundo americano, numa das mais graves conjunturas da história.

O Presidente passou o dia a trabalhar normalmente, dispondo apenas de alguns momentos para receber as visitas. Dentre estas, a que porventura mais sensibilizou o presidente deve ter sido um rapaz de 14 anos, aleijado, que foi à Casa Branca em muletas, oferecer a Roosevelt um modelo de porta-aviões em miniatura, que ele próprio construiu com a sua rara habilidade de pequeno «engenheiro».

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO

Interpretação das realidades



JOHN CHARLES HAYDON

O brigadeiro John Charles Haydon é hoje uma das figuras mais populares no exército britânico. Dirige superiormente o treino das tropas de choque, os famosos «commandos» que já se ilustraram em raids audaciosos na África do Norte, na Noruega e em França. Em Inglaterra é geral a convicção de que o seu papel será preponderante em futuras operações.

O brigadeiro Haydon conta actualmente quarenta e dois anos. Entrou para o serviço militar aos dezasseis, alistando-se, em fins de 1917, na Guarda Irlandesa. Três meses depois, seguiu para França combatendo até à assinatura do armistício. Sucessivamente desempenhou as funções de oficial do Estado Maior no distrito militar de Londres e de comandante de companhia na Escola de Sandhurst.

Em 1937 foi promovido a tenente coronel e nomeado ajudante do ministro da Guerra. Passados dois anos desencadeava-se o actual conflito e o brigadeiro Haydon oferecia-se, imediatamente, para os postos mais arriscados.

Fez parte do Corpo Expedicionário britânico em França. Quando da ofensiva alemã a ocidente, bateu-se brilhantemente sendo condecorado por feitos em campanha. Comandava o batalhão que estabeleceu uma testa de ponte no Ilook e desempenhou um papel decisivo para salvar a família real holandesa. Em consideração pelos seus valiosos serviços deram-lhe o posto de brigadeiro.

Encarregado de organizar, em fins de 1940, a brigada dos «commandos» de tal forma se houve no desempenho desta tarefa que, dentro de pouco tempo, tinha recrutado e adestrado o mais audacioso grupo de tropas de choque que existe actualmente. Essas tropas, que já demonstraram a sua pericia em mais duma ocasião, devem exercer uma acção decisiva no decurso da guerra actual. A fama do brigadeiro Haydon e a sua capacidade profissional constituem a mais segura garantia de que, efectivamente, assim será.

Há a propaganda interessada e há as realidades. Há a interpretação unilateral dos factos e há os próprios factos, que falam com uma eloquência que nenhum preconceito consegue dissimular. Entre os factos avultam a guerra, de que depende o presente e o futuro da humanidade, a sua duração e a sua extensão. Do conflito inicial pouco resta. Os que tomaram a iniciativa de o desencadear nunca se arrependirão suficientemente do seu erro. Porque serão as suas primeiras vítimas carregadas ao péso da expiação.

Vejam o facto guerra. Se a propaganda interessada não perturbasse a visão de conjunto que esse fenómeno espantoso requere, haveria que extranhar, antes de mais nada, que a não tivessem ganho aqueles que a desencadearam. De outra forma se não justificará o seu acto. Em determinado ambiente moral, os fins invocam-se para explicar os meios que se empregam. Quando os fins não são atingidos os meios ficam sujeitos à crítica inexorável dos que suportaram as consequências dos meios empregados. Seria arriscado dizer, neste momento, que atingiram os seus fins, ou que estão prestes a atingi-los, aqueles que empregaram, no combate, os meios de que a humanidade inteira sofre.

Mais do que nunca é evidente que o arranco inicial da ofensiva se quebrou contra a tenacidade de que, a partir de certo momento, começou a revestir-se a resistência do grupo de beligerantes menos preparado para a luta. A feição inicial da guerra transformou-se de tal maneira que ninguém reconheceria no prelio gigantesco, que hoje avassala o mundo, o combate restrito e de meios limitados que se desencadeou no dia 1 de setembro de 1939.

Há, em segundo lugar, a duração da guerra. Quando aquêles que a desencadeiam, com o propósito firme de a ganharem rapidamente, deixam perder-se no tempo as suas forças limitadas e os seus propósitos iniciais, é certo que correm a risco de ver falseada a intenção com que se lançaram na luta. A guerra actual iniciou-se em 1 de setembro de 1939. Vão decorridos mais de dois anos e meio desde essa data. A superioridade evidente com que um dos concorrentes iniciou a prova esbate-se, à medida que o tempo decorre. Com a prática da luta, o adversário recobra ânimo. Mobilisa os seus recursos para a prova final. Há quem suponha que o tempo joga, indistintamente, em benefício de cada um dos campos que se afrontam. Esta suposição só se ajusta às realidades na medida em que um dos contendores não precisa devorar o outro num período limitado. Quando isto acontece, a duração passa a beneficiar exclusivamente o adversário.

Por último, a extensão da guerra. Quando esta se limita a determinados objectivos geográficos pode liquidar-se satisfatoriamente para aquele dos contendores que detém a iniciativa das operações e com ela a surpresa do ataque e a rapidez da manobra; quando se estende ao mundo inteiro o resultado é o oposto. A distância liquida inflexivelmente as mais audaciosas tentativas de predomínio. Valerá a pena invocar a história em abono desta verdade que o simples exame dum «mapa-mundi» torna reveladora? Em todos os tempos se fizeram experiências idênticas; sempre essas experiências se saldaram com o mesmo resultado. O arrebatamento dos heróis não basta para tornar viáveis os sonhos ambiciosos. A vida dos homens é feita com soluções humanas.

O OBSERVADOR

A barreira

Está constituída a barreira à invasão japonesa, representada pela Austrália, onde o general Mac Artur tomou o comando das tropas. A sua nomeação tem um enorme significado. Não é, apenas, pelos seus dotes excepcionais de estratega e pela sua indômita coragem que foi escolhido, mas, pelo que o seu nome, e mais do que isso, o seu país, representam na guerra do Pacífico. Os Estados Unidos aprovando a sua nomeação para generalíssimo das tropas imperiais inglesas, confirmam quanto é íntima, indestrutível, a união entre os povos anglo-saxónicos, e lançam todo o seu péso militar no prato da balança. Isto quer dizer que a Austrália não será conquistada. Por outro lado, na Índia, Wavell está vigilante. A aguião da Líbia plana para atacar o inimigo no momento preciso. Dissipam-se assim as ambições invasoras como o fumo dum cigarro. Quantas previsões não estão a esta hora a engasgar os maus profetas! Quanto mais os povos estendem os tentáculos mais fácil é cortá-los.

Intranquilidade



A Europa mostra-se cada vez mais intranquila. E se não vejamos a Roménia e a Hungria medem-se num desafio. Na França passa-se o que se sabe e o que se não sabe. Na Bélgica, o rei mantém-se activo e intransigente, no seu castelo. Na Noruega, a opinião pública reage sempre com actos de hostilidade. A rainha da Holanda permanece em Londres, enquanto os seus valentes subditos provam de todas as maneiras o amor inextinguível da Pátria, sem esquecer os actos de valentia das tropas neerlandesas das Índias. O exército polaco reconstituiu-se em parte; o da Grécia, está na Síria, impaciente de se bater com o inimigo. Na Jugoslávia continua a combater-se. Na Checoslováquia, o nacionalismo exacerbava-se. Emfim, nenhum país ocupado está contente! A Europa eclipsada quer viver, e há-de viver! Ressuscitar!

D. Veva de Lima

Através do microfone da B. B. C. ouvimos há dias a voz desassombrosa da ilustre escritora D. Geneveva de Mayer Ulrich. Foi um depoimento vibrante e eloquente, marcando uma atitude de nobilíssima coragem moral. A emoção, a sensibilidade e a dignidade dessa mensagem caracterizam um dos mais belos documentos da história política desta guerra. Apresentamos aqui as nossas mais respeitadas homenagens à ilustre escritora, que, na radiação do seu brilhantíssimo talento, soube encontrar as expressões mais calorosas para exaltar a alma do povo inglês.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogreva, Ld.^a, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 e 10 — Lisboa
PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

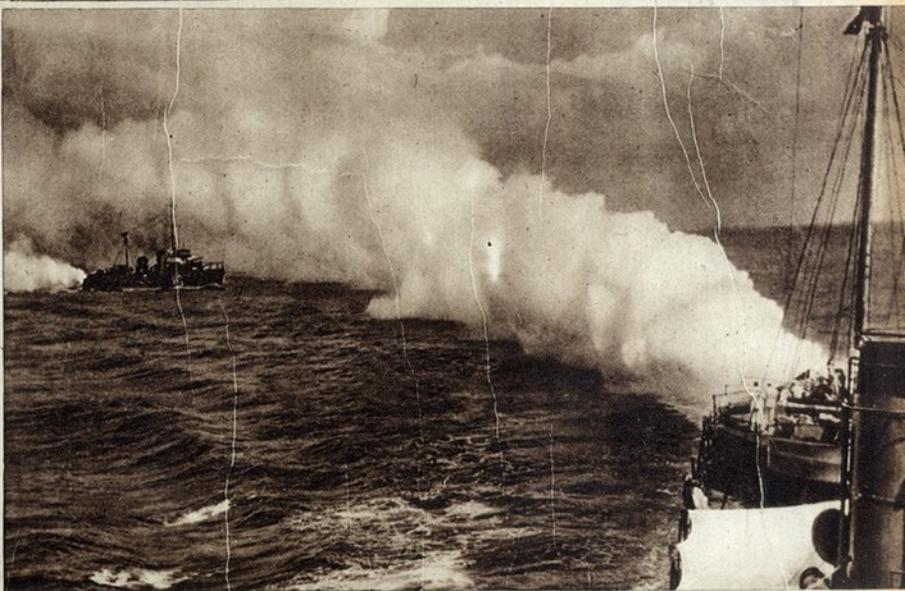


Na Austrália os Exércitos Aliados preparam-se para levar a guerra ao território inimigo

A DEFESA DA AUSTRÁLIA

NO seu recente discurso, radiodifundido, o Primeiro Ministro da Austrália sr. Curtin, pronunciou algumas palavras que bem merecem um registo especial:

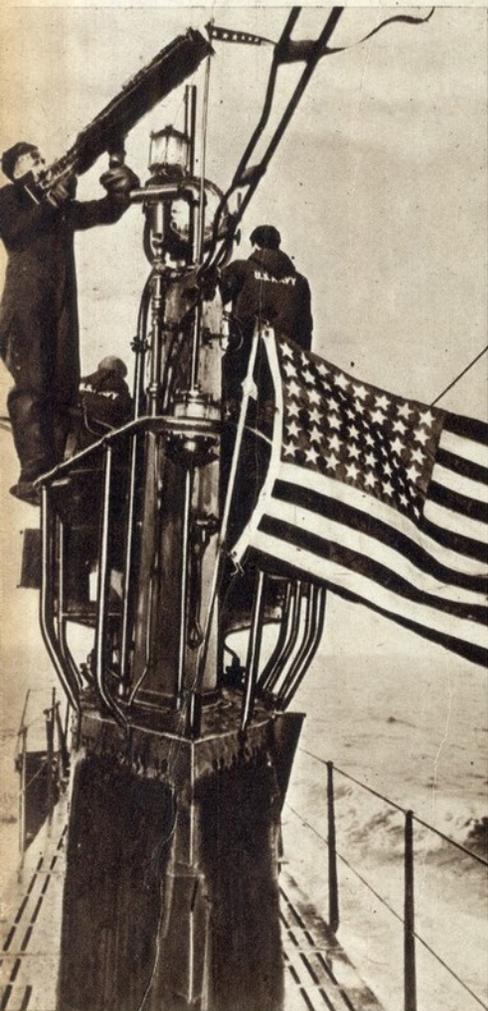
“Se fôrmos atacados, disse êle, disputaremos ao inimigo, palmo a palmo, o nosso território. Temos aqui muito espaço. Árvore por árvore, aldeia por aldeia, cidade por cidade, defender-nos-emos. Só as entregaremos se nos faltarem, completamente, as máquinas com que se faz hoje a guerra.”



A marinha de guerra holandesa, do comando do vice-almirante Helfrich, que infligiu pesadas baixas ao inimigo nas batalhas de Macassar e de Java, continua a sua acção vitoriosa no Pacifico, ao lado das esquadras da Gran-Bretanha e dos Estados Unidos



A Austrália está pronta para receber o inimigo. De todos os pontos do Império britânico da Inglaterra e dos Estados Unidos, chegam torrentes de material de guerra e centenas de milhares de homens prontos a repelir e a ir combater o invasor no seu próprio território. A guarnição de uma peça costeira em Port-Darwin



A bandeira gloriosa dos Estados Unidos no Pacífico. Na torre de um submarino norte-americano uma metralhadora anti-aérea faz fogo sobre uma esquadilha inimiga

Porque os homens... O sr. Curtin não se esqueceu de recordar quem são os homens:

"O mundo deve lembrar-se de que foi daqui que partiram os "anzacs". E que foram eles que desembarcaram em Gallipoli e atravessaram o deserto da Líbia, que permaneceram em Tobruk e combateram na Malaia, que na Grécia e em Creta deram exemplos dum heroísmo sem



Os Estados Unidos vão construir 185 mil aviões. A sua poderosa indústria de guerra, servida por inesgotáveis recursos em matérias primas, decidirá da sorte do conflito

igual. Farão mais e melhor do que tudo isso, agora que vão defender-se, no seu território contra um inimigo que lhes ameaça, simultaneamente, as casas e os corações,,.

Depois destas palavras terem sido pronunciadas, as forças aliadas, que se encontram na Austrália, iniciaram uma série de ataques aéreos bem sucedidos contra as posições e os aeródromos japoneses instalados na Nova Guiné. A tradição magnífica de Kingsford Smith anima os rasgos dos aviadores australianos. Um comboio poderoso que transportava os contingentes nipónicos de invasão foi destruído nas proximidades do arquipélago de Salomão

O sr. Curtin referiu-se à necessidade de meios materiais para combater com êxito: Com os navios americanos que desembarcaram no continente austral seguem importantes quantidades de material de guerra, tanks e aviões dos últimos modelos. A esses navios outros se seguirão. Nas capitais interessadas, em Londres, em Washington, em Canberra, é unânime o pensamento de que a melhor defensiva é a ofensiva. Para a realizar não faltarão os elementos indispensáveis.

Falando recentemente na Dieta japonesa, o general Tojo declarou que o seu país está em condições de atacar, ao mesmo tempo, a Índia e a Austrália. Empresa arriscada no momento em que os adversários do Japão começam a concentrar as suas forças e a canalizar para o teatro das operações do Extremo-Oriente os seus imensos recursos. O chefe do governo de Tóquio não ocultou que as predileções dos seus dirigentes militares vão para o primeiro daqueles objectivos.

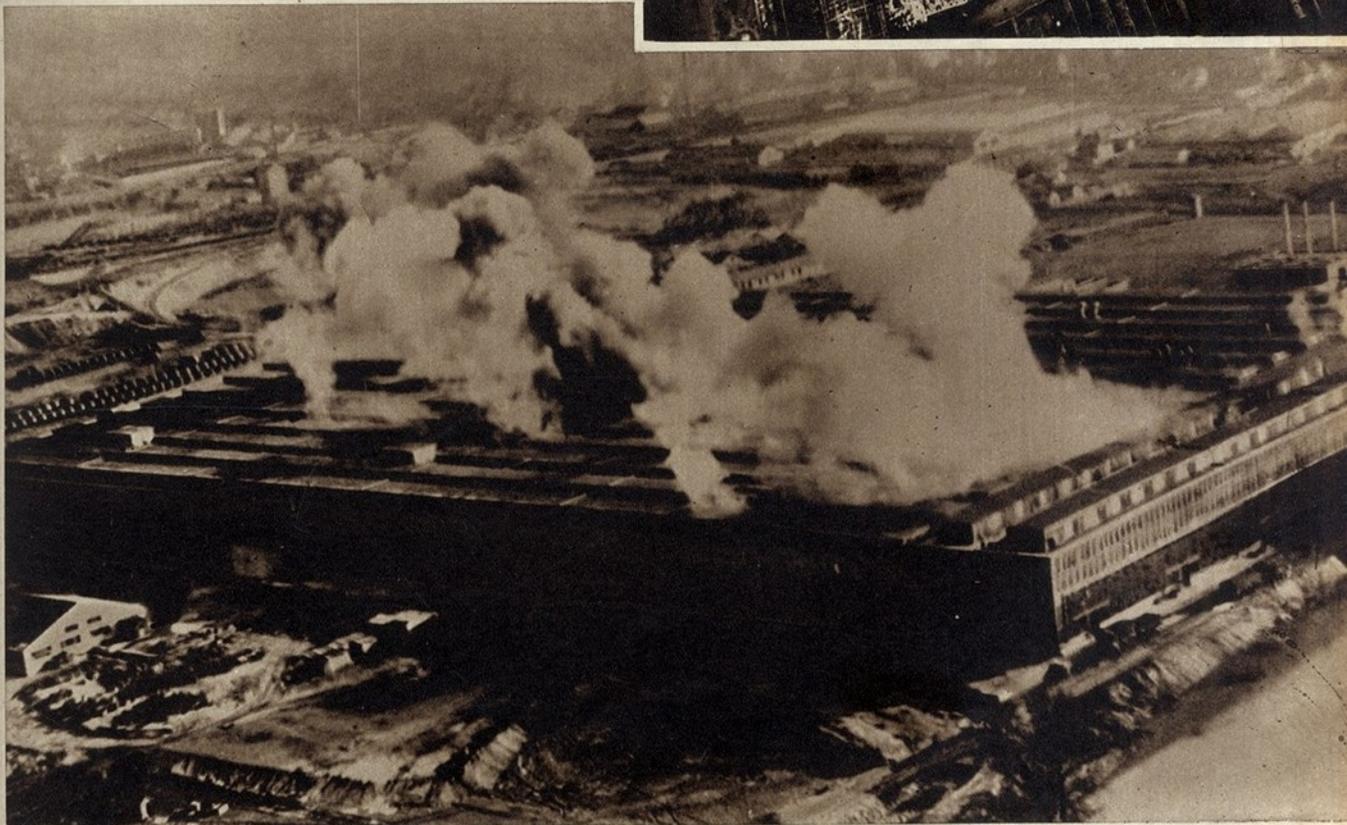
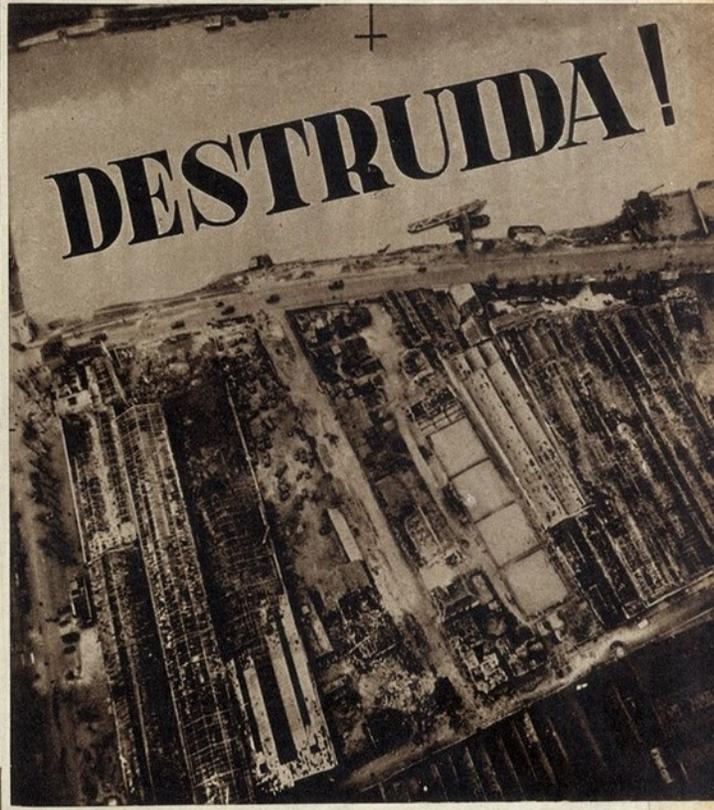
(Continua na página 29)



A ofensiva aérea da Gran-Bretanha torna-se cada vez mais massiva e implacável, visando particularmente a industria de guerra do inimigo, no seu território e nos países invadidos. Da organização industrial que o Reich explorava na periferia da capital da França ocupada, muito foi destruído. Em cima, vê-se um aspecto geral das fábricas "Renault", o mais im-

portante aglomerado industrial francês, parcialmente avariado. O círculo escuro é um grande depósito de gás que os aviões britânicos atingiram em cheio. A direita, uma das mais importantes secções de "Renault" que se destinava à construção de blindados. Num dos "halls" centrais observa-se grande número de tanks desmantelados pelas bombas da R. A. F.

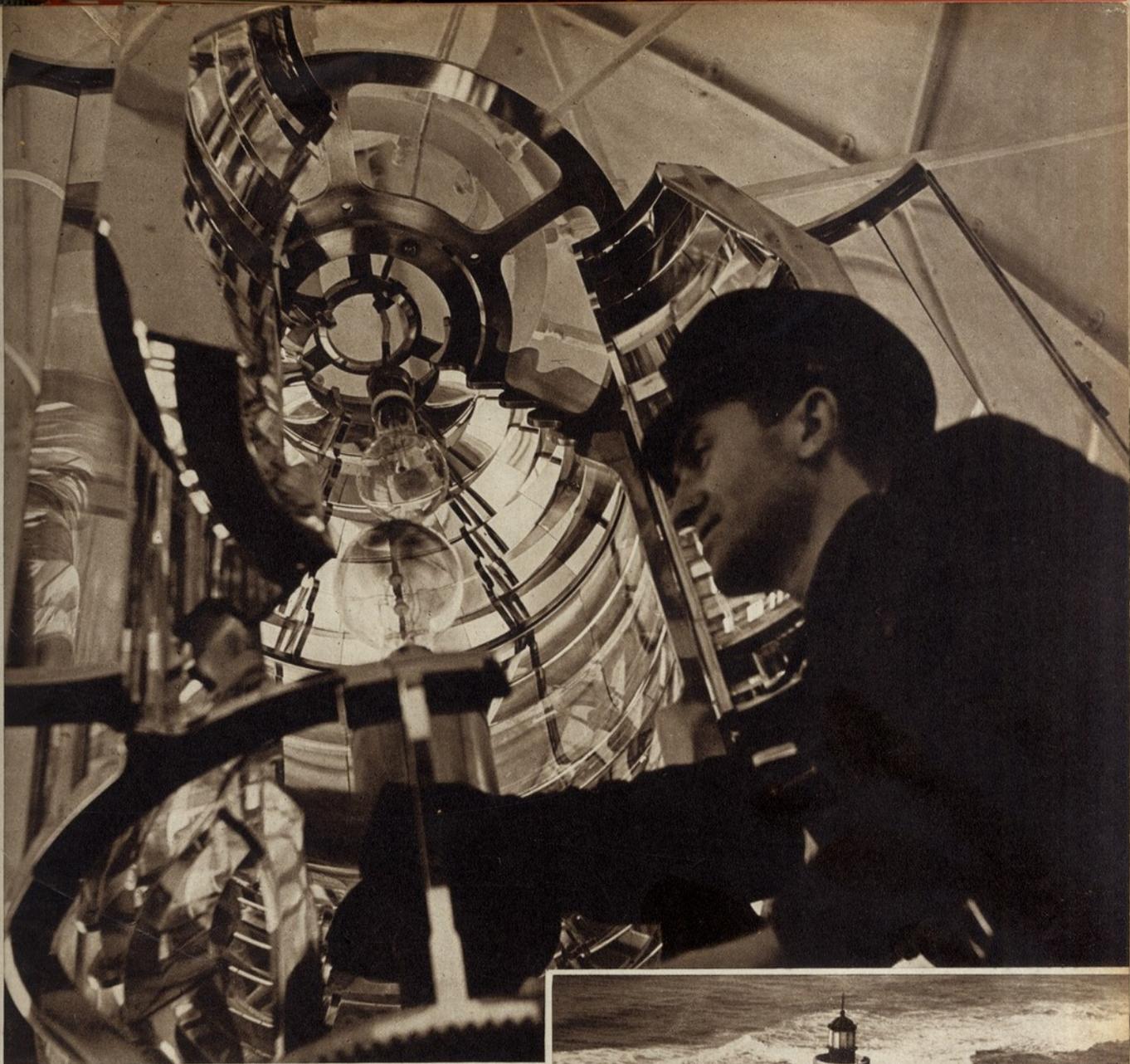
A "RENAULT"



Estas são as importantes fábricas Matford, situadas a noroeste de Paris. Faziam parte do poderoso conjunto industrial da "Renault", agora gravemente atingido. De tal maneira toda a zona utilizada pelo inimigo para o fabrico de material bélico foi atingida, que a sua reconstrução vai ser muito difícil



SEMANA SANTA



A costa negra desapareceu. O litoral está agora iluminado com potentes focos que guiam os navios nas suas rotas. Eis a alma do farol do Cabo da Roca. O fareleiro está limpando a gigantesca lanterna de cristal, onde à noite nasce um mundo de luz

OS OLHOS DO MAR

SEMPRE que, de perto ou de longe, vejo um farol, penso imediatamente na poesia da vida do fareleiro e no romance dos que andam, sobre as ondas, em pequenos e grandes barcos. O farol exerce sobre o meu espírito, conjuntamente, uma sugestão de sonho e de angústia. Os seus sinais de várias e gritantes cores fazem-me lembrar e respeitar um

homem desconhecido, anônimo, indiferente às ambições e vaidades deste malaventurado mundo, que voluntariamente se fechou numa grande torre, para dizer a homens de outros destinos e, por vezes, de outras nações, qual o cariz do tempo ou os perigos da barra.

Quem pensou e realizou o primeiro farol? Não importa conhecer o seu nome nem a



Um farol histórico. A velha torre do Buglo, numa curiosa vista aérea

(Fotografia gentilmente cedida pelos serviços fotográficos da Aviação Naval)



Uma imagem cinematográfica da curiosa arquitectura da torre do farol da Roca, com a sua antena donde se emitem avisos à navegação



Na «amurada» do Bugio, que a maré bloqueou. Ao longe, divisa-se um navio, que vai sair à barra



O Bugio foi antigamente uma poderosa fortaleza que defendia o acesso ao Tejo. A sua torre, feita de duro granito, que tem resistido aos anos e às tempestades

sua nacionalidade. Quanto a mim, importa mais, muito mais mesmo, saber que esse benemérito ignorado tinha um amplo e perfeitíssimo conceito da palavra humanidade. Não queria saber da sua vida a não ser na medida larga em que podia interessar vidas estranhas. E, amigo da solidão, mas amigo de todos quantos a conquista do pão arrasta pelos sete mares, entregou-se, então, à generosa cansaça de, em noites negras, quando o céu está cego, sem os olhos das estrelas, falar e aconselhar os marinheiros que anseiam por um porto de salvação.

O farol resume sempre dedicada e incondicional fraternidade humana. Como uma sentinela, da sua cabeça giratória e sem descansos nem intervalos, saem rajadas de luz que são perguntas constantes e, de quando em quando, aflitivas: Quem vem lá? Não vês, ó do leme, que a borrasca aumentou e te persegue como um assassino? Que é lá isso, capitão, não reparas que o teu barco vai despedaçar-se contra as rochas? O farol, com seus gritos conselheiros, com mais interrogações, está sempre vigilante, para salvar existências e levar a bom ter-

mo as mais difíceis e ingratas viagens.

Há dois, três séculos, no tempo em que chamavam à costa portuguesa a «costa negra», era difícilíssimo demandar os portos. Faltavam essas sentinelas, faltava o aviso rubro ou verde desses olhos. As pequenas embarcações e os grandes navios procuravam recolher, de dia, aos fundeadouros. Quando os marinheiros eram surpreendidos e esmagados pelo peso misterioso da noite, ainda muito longe do porto de escala ou de término, benziam-se e oravam ao Altíssimo. Podia acontecer a pior das tragédias... Se no céu luziam estrelas, vá lá que não se perdiam tôdas as esperanças. Mas, se a noite se mostrava impenetrável, com uma negrura sufocante, então só Deus podia guiar as embarcações. As fatalidades sucediam-se umas às outras. Os pilotos e os velhos marinheiros, se conseguiam algumas vezes fazer uso profícuo dos seus conhecimentos e do seu treino, confessavam-se, geralmente, impotentes, em horas aziagas de temporal e braveza oceânica, para se salvarem a si próprios e aos seus companheiros. Nas costas do Atlântico, d

Mediterrâneo, do Mar Vermelho, do Índico, do Pacífico, do Ártico e do Antártico, perdiam-se, assim, barcos e tripulações. A morte rondava sempre, cruelmente, aqueles que tinham a razão da sua vida no mar.

Tornando-se a voz de terra, o farol tornou-se, por consequente, a voz confiante e salvadora dos marinheiros. Os perigos tremendos da costa foram diminuídos ao máximo. E, hoje, pela orla marítima de Portugal, por exemplo, do Cabo de S. Vicente até Montedor, adiante de Viana do Castelo, vemos, do escurecer à madrugada, e também em dias de cerração, essas torres palradoras, vomitando luz, avisando os navios que entram ou saem a barra, dizendo enfim, com rigor, o bom ou mau tempo que faz.

Dentro de cada uma dessas torres, nas Berlengas, no Bugio ou em Leixões, o faroleiro, se descansou todo o dia ou consumiu demoradas horas a cuidar e limpar a maquinaria leva a noite inteira sem fechar os olhos, sempre atento, sempre a pensar nos desconhecidos que cortam a imensidão

(Continua na pág. 29)



No Bugio. O faroleiro, com um óculo de longo alcance, prescuta o horizonte



Vive-se como num navio. No seu isolamento, este Robinson construiu um moinho



No interior da torre. A escada em caracol vai até lá aclma, à estrela luminosa que guia os homens que andam de noite sobre as águas do mar. O faroleiro vai para o seu quarto de vigília



UMA HORA COM O MINISTRO DO MÉXICO

O sr. Juan Manuel Alvarez del Castillo professor de Direito Internacional na Universidade Nacional do México, antigo Presidente do Congresso da União e membro de várias legislaturas, veio para Portugal, há cerca de dois anos, como representante do México às Festas Centenárias e por Lisboa se deixou ficar como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do seu país, conquistando as bem merecidas simpatias que dia a dia se avolumam.

A atitude desassombrada do delegado do México na conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, em que todos os países do novo continente alinharam ao lado dos Estados Unidos, veio pôr em foco aquela Nação. A palavra quente e vibrante do embaixador americano juntamente com a de Oswaldo Aranha, arrebatarem a assembleia. A América em guerra constituindo um verdadeiro bloco, e comungando nos princípios eternos do direito e da justiça, opõe-se a todos os imperialismos invasores. A sua bandeira rutilante será decisiva no tremendo préllo que se está travando.

Com o sr. Juan Manuel Alvarez del Castillo falámos de tudo quanto podia interessar aos leitores do *Mundo Gráfico* e, muito em especial, do desenvolvimento e progresso do México.

Foi após a promulgação da Constituição Querétaro, em 1917, que o México iniciou, com a máxima amplitude, a sua grande obra de renascimento, que assombrou o Mundo e se tornou por tal forma notável no campo social que muito houve quem deturpasse os seus honestíssimos objectivos.

Isto nos dizia, num grande sentido patriótico, o sr. Alvarez del Castillo, afirmando, com calor, que os objectivos sociais do México residem, muito principalmente, no equilíbrio entre o capital e o trabalho, embora consignando, para os trabalhadores, os elementos de defesa de que eles não dispõem por si próprios e que as classes capitalistas facilmente conseguem sempre que de tal necessitem.

Para tal, tornou-se indispensável como se faz em Portugal — acentuou — criar organismos sindicais, por classes, e, ainda, o Secretariado do Trabalho, que tem por missão principal intervir, como árbitro em todos os conflitos ou incidentes que surjam entre essas duas forças máximas duma nação que são o capital e o trabalho, desde que estejam devidamente enquadradas em demarcados direitos e deveres.

O México, ao enfrentar o problema social, novamente esclareceu o sr. Alvarez del Castillo, não quiz, nem sequer pensou em imitar outros países.

Fez uma legislação muito sua, estabeleceu uma orientação absolutamente nacional e nunca imitativa.

E o ilustre diplomata prosseguindo numa larga exposição da obra do seu país, acabou por nos afirmar a sua satisfação pelos pontos de contacto que, lá, o problema social tem com os de cá e, com certo cunho de orgulho, apontou-nos o quadro em que, no seu gabinete, tem colocado o diploma da Ordem Militar de Cristo, que o Governo Português lhe conferiu e que ele apresenta como alta distinção demonstrativa da amizade que une o México a Portugal.

A terminar, o sr. Alvarez del Castillo teve palavras de veneração pelo Presidente Constitucional dos Estados Unidos Mexicanos para o período de 1940-46, sr. general D. Manuel Avila Camacho, o qual, com a cooperação de todos os sectores sociais e por meio de uma política de consolidação nacional está desenvolvendo uma acção verdadeiramente notável e construtiva.

S. Saboya

A OFENSIVA DA AMÉRICA



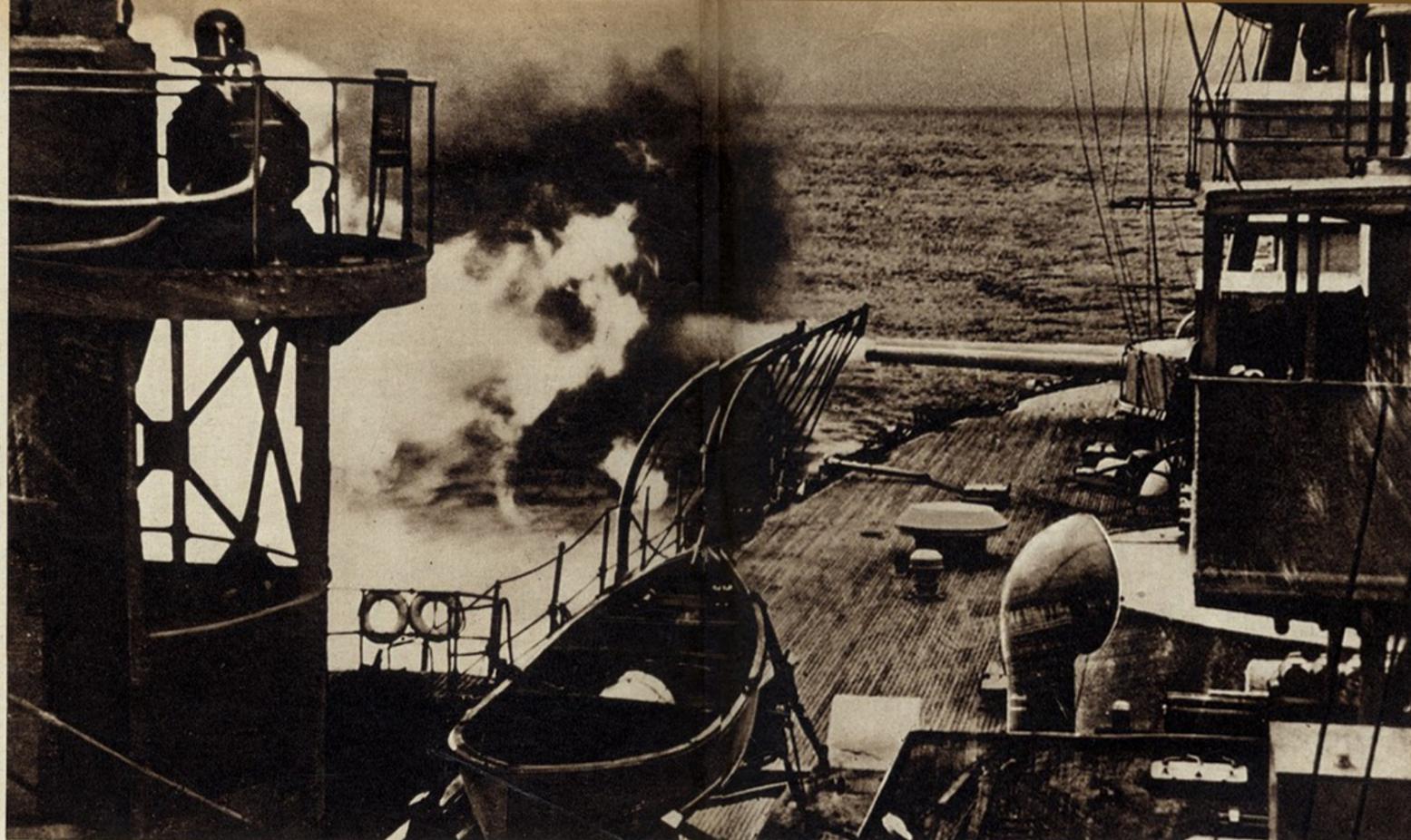
As forças aero-navais da Gran-Bretanha, dos Estados Unidos, da Holanda e da Austrália no Pacífico fizeram paralizar o avanço do invasor, passando à ofensiva. O formidável porta-aviões norte-americano «Saratoga», em acção no Extremo-Oriente



Os Estados Unidos organizaram um grande Exército de paraquedistas. São homens dotados de excepcionais qualidades de robustez, energia e sangue-frio. Eis um desses magníficos soldados com o equipamento completo



A aviação naval norte-americana é, ao lado da R. A. F. do Comando Costeiro, a melhor no mundo. Os seus aviões foram construídos segundo os últimos protótipos da técnica aeronáutica moderna. Este, é um dos numerosos bimotores "Consolidated" de bombardeamento



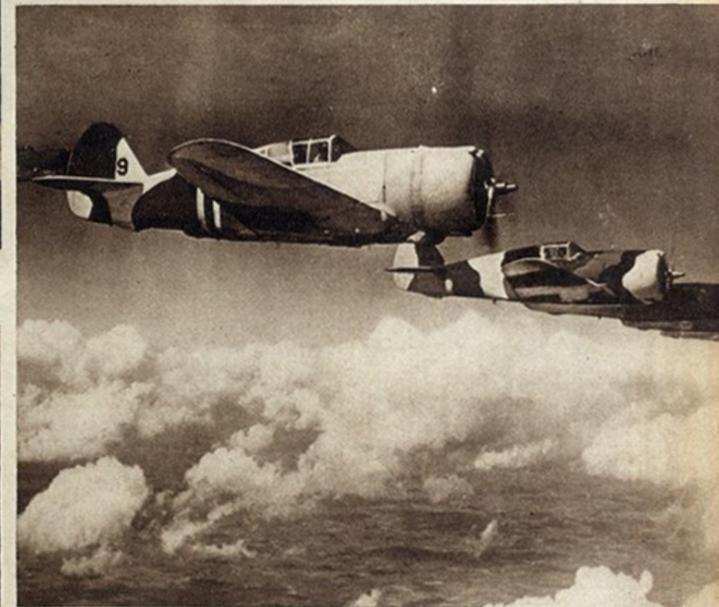
A voz dos Estados Unidos vibra no Pacífico pela boca dos canhões da sua Armada. No grande oceano, as esquadras norte-americanas, da Grã-Bretanha e da Holanda, dominam todas as rotas



Na Austrália, o general Mac Arthur prepara a resposta ao invasor japonês. Avisinha-se a maior ofensiva de todos os tempos, simultaneamente em terra, no mar e no ar. As esquadras aliadas estão alerta, prontas a abrir caminho entre o continente americano e australiano e o território inimigo. Uma poderosa divisão de cruzadores norte-americanos em formação de combate



Os americanos chegaram à Europa. Numa rua de Londres, os soldados "yankees" confraternizam com os célebres "comandos" ingleses



Sobre massas compactas de núvens, a aviação da marinha americana vigia o Pacífico, em íntima colaboração com as unidades de superfície



A bordo de um grande porta-aviões norte-americano. Depois de uma importante missão no sudoeste do Pacífico, o primeiro avião da esquadrilha pouso sobre a pista flutuante. Dois mercantes inimigos carregados de tropas foram afundados

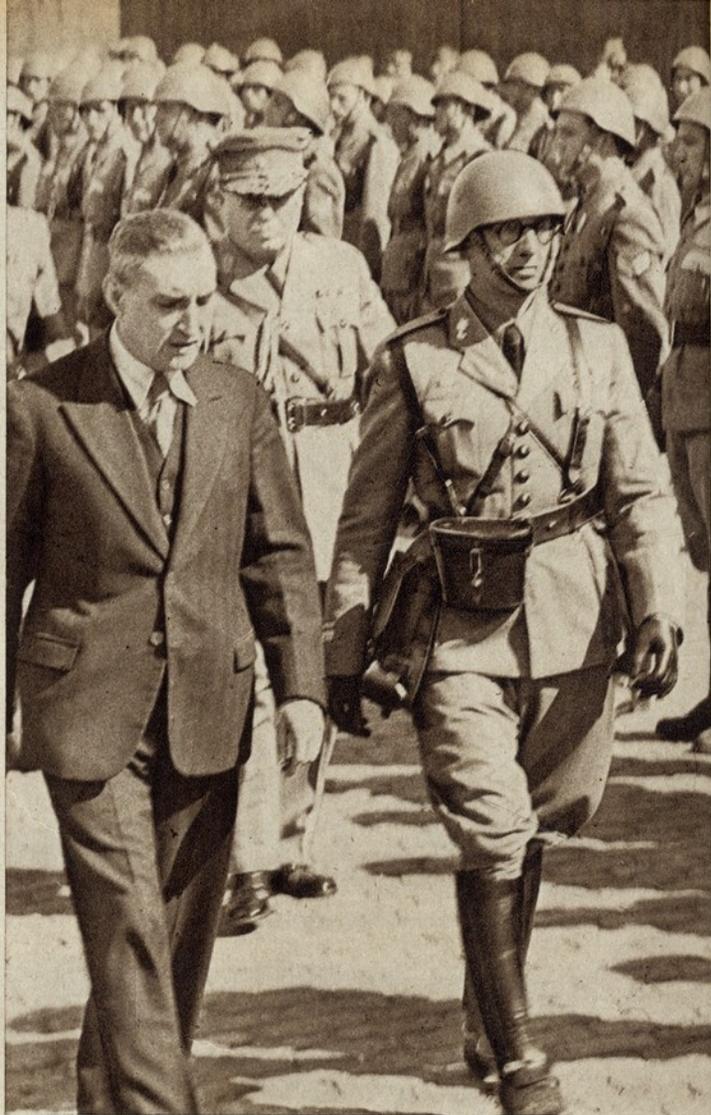
FIGURAS E FACTOS



No S. Luiz foram distribuídos os prémios literários 1941 do S. P. N. A sessão, presidiu o sr. ministro da Educação, que tem à esquerda o sr. António Ferro, director daquele organismo



No Palácio da Independência foi prestada homenagem ao vice-almirante João de Azevedo Coutinho, durante uma cerimónia à qual assistiram os srs. ministro da Educação Nacional e das Colónias



O sr. Presidente do Conselho passando revista aos últimos contingentes expedicionários que partiram para a Madeira e Açores.

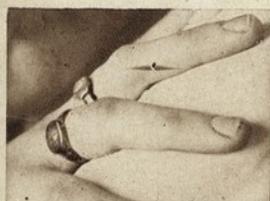


Um bombardeiro alemão atacou e afundou o navio mercante britânico «Dago» ao largo da costa portuguesa. Dois dias antes, um avião desconhecido afundou, quasi no mesmo local, o barco português Cabo de S. Vicente». Os naufragos do «Dago» chegam a Lisboa



Dois braceletes de ouro, que lembram duas joias modernistas. O do braço direito é da idade do ferro: o outro, elíptico, pertence à segunda metade da época do bronze

JOIAS DE HÁ QUATRO MIL ANOS

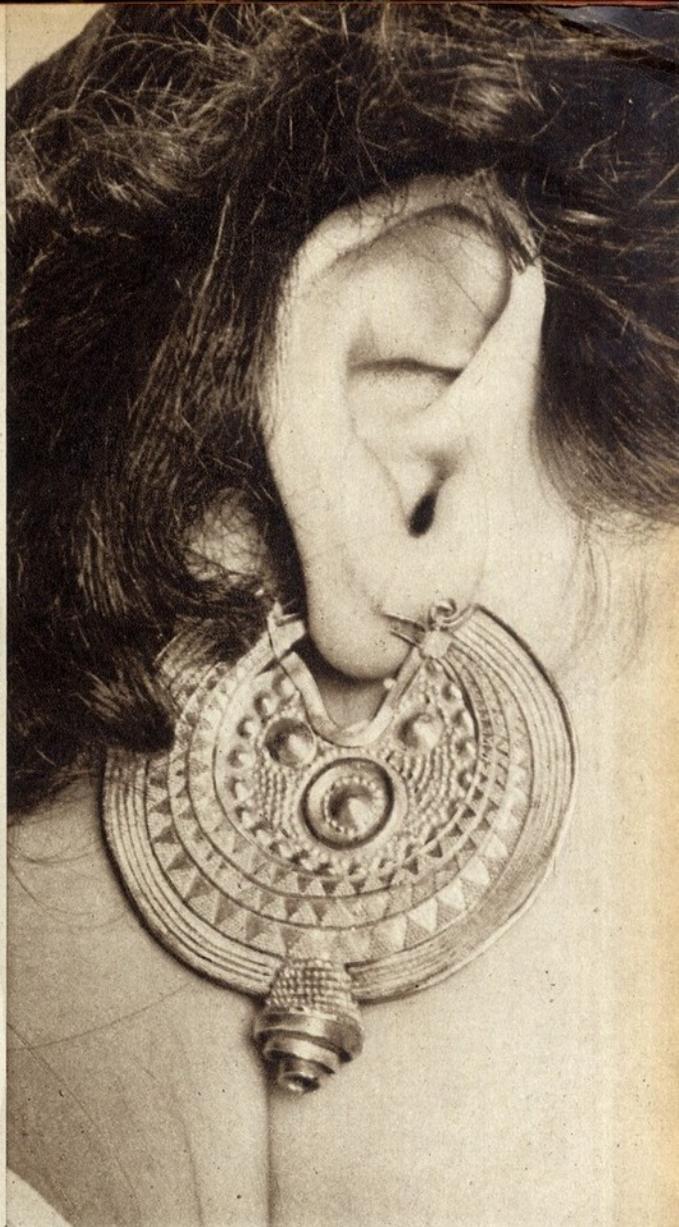


É um museu diferente de todos. Não tem quadros que empolguem a retina, em grandes vizões de beleza plástica, nem esculturas de ritmos perfeitos, clareadas pelo mármore ou imortalizadas pelo bronze, que transfigurem esse eterno tema da estatuaría que é a mulher. É' frio, silencioso, cheio de pedras, cobertas de siglas, punções, hieroglifos, cacos de barro, que parecem inúteis, mas que, no entanto, valem ouro; ossadas arquitetônicas;

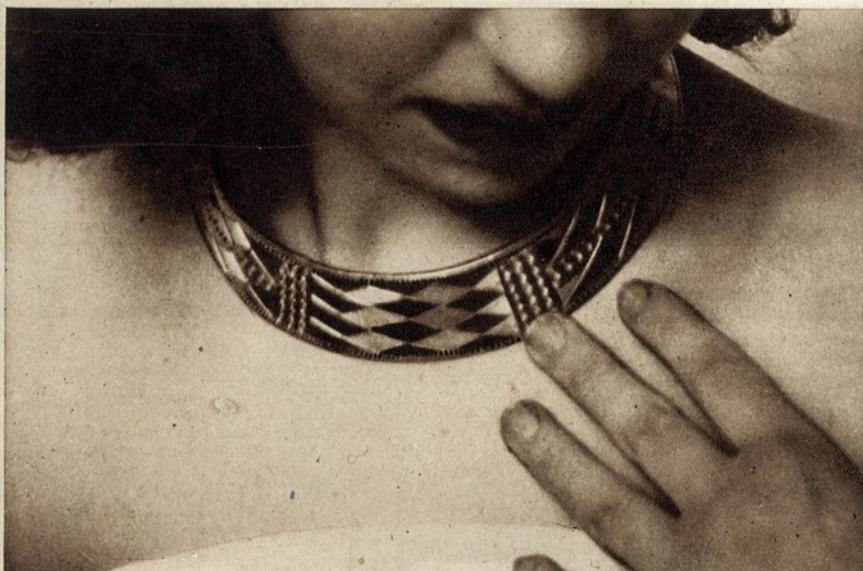
utensílios inverosímeis com os quais o primeiro homem, o cavernícola hirsuto, decorou o seu álgido e abrupto lar, ou trabalhou, sôzinho, na vastidão do mundo. Não abarca também o museu determinado período da história. O que ali existe de mais novo pode ter dez séculos, e de mais velho, cinqüenta ou duzentos. São restos de extintas civilizações, fragmentos de cidades, que já desapareceram, ruínas de remotos povos, que já desapareceram, ruínas de remotos povos, que se perderam no andar dos tempos, como areias do deserto. Um dia, um camponês, abre uma leira e encontra um tesouro pre-histórico; uma pedra desmorona-se e surge uma gruta obscura, do leito da qual se desenterram curtos e bizarros objectos, onde se nota uma brutescas intenção artística; outras vezes ainda o achado depara-se de imprevisto, na própria visão que o olhou tantas vezes e que só, então, o descobre na radiação do seu valor.

Esta galeria imponente de idades desaparecidas, deslumbradora como um túmulo de faraó, e grandiosa como uma necrópole assíria, onde se vêem também as raízes mais profundas do nosso plasma rácico, é o museu Etnológico de Belém, a que o ilustre sábio dr. Leite de Vasconcelos deu o seu nome, e que outro sábio,

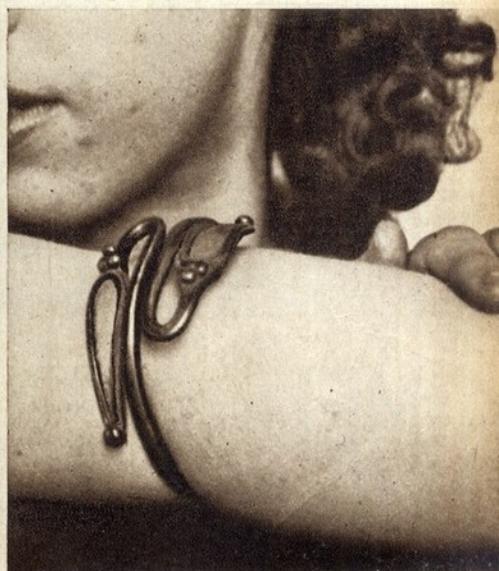
(Continua na pág. 30)



Uma arrecada da idade do ferro que parece uma filigrana de Guimarães. As mulheres desses recuados tempos não as usavam suspensas dos orifícios das orelhas, mas de um fio de ouro que contornava as mesmas



Um colar pre-histórico, laminiforme, de inestimável valor real e arqueológico, cujo fécho tem delineada, a pontos, uma figura de mulher



Um bracelete de prata, pré-romano, com as extremidades graciosamente desenhadas, e que foi encontrado em Vila Real de Trás-os-Montes



MEMÓRIAS DE CHURCHILL

Depois de dois dias de reflexão, dirigi-me a Sir Schomberg M'Donnell que já tinha encontrado em várias recepções da sociedade que freqüentava. Estavamos na terceira semana de Julho. Convenci-me de que era aquêlo o único processo de ser incorporado no exército de Athara. Uma tarde fui a casa dêle e encontrei-o a preparar-se para um jantar. O Primeiro Ministro estaria disposto a enviar um telegrama a Sir Herbert Kitchener? O ministro da Guerra recomendara o meu nome. No meu regimento tinham licenciado e o 21.º de lanceiros estava pronto a rece-

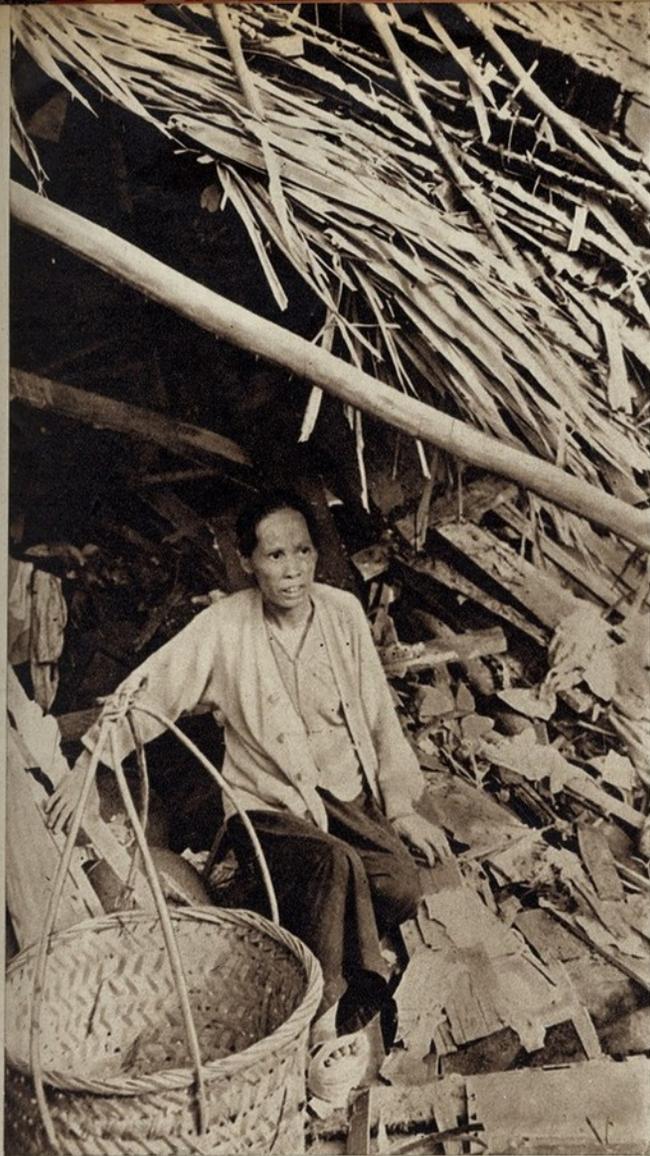
ber-me. Por êsse lado não havia dificuldades. Era pedir muito? Quereria Sir M'Donnell sondar Salisbury?

«Estou certo, respondeu-me êle, de que Salisbury fará o que puder. Está muito satisfeito consigo. Mas não pode ultrapassar certos limites. Naturalmente limita-se a fazer a pergunta mas de maneira a sugerir uma resposta afirmativa. Mas de certo não insistirá se receber uma resposta negativa».

Respondi-lhe que isso me bastava. Sir

(Continua na pág. 27)

A MURALHA DA CHINA



Em cima: Os aviões nipônicos passam. No dia seguinte, o comunicado de Tóquio anuncia: os nossos bombardeiros atingiram importantes objetivos militares...

★

À direita: Mas a Ásia resiste. Os exércitos gloriosos do general Chang-Kai-Chek defenderam palmo a palmo, encarniçadamente, o solo da Pátria, durante quatro anos. Agora, combatem ao lado das forças aliadas o inimigo comum.

Eis um grupo de soldados chineses que lutam na Birmânia com as tropas imperiais inglesas.



No continente australiano, o general Mac Arthur prepara a grande ofensiva contra o Japão. Na China, Chang-Kai-Chek, em íntima colaboração com o grande cabo de guerra americano, completa o cerco ao invasor. Eis um grupo de prisioneiros japoneses feitos pelos valorosos soldados da China.

Chung-King, a cidade invencível de Chang-Kai-Chek. Ela simboliza, com o seu heroísmo, o espírito da vitória pela liberdade dos povos do Extremo Oriente. Foi desta rua que partiu o brado de vitória de Sur-Yat Sen, o libertador do povo chinês.





Fim da tarde. O Douro é uma esteira prateada que os barcos rabelos cortam harmoniosamente

LEGENDA DUM RIO

SERPENTEANDO por entre ribas adustas num fragor agónico de estrangulamento, o Douro espraia-se depois num suspiro de alívio em margens mais planas, a paisagem suavizada por pequena arborização glauca.

Em socalcos que parecem querer atingir o céu, como a escada de Jacob, os vinhedos estendem os seus ramos ao sol que após o mês de Julho doira os cachos cujo suco é o precioso nectar que deu fama à cidade onde o

rio termina numa apertada e asso-reada foz.

Pelas suas águas que o Inverno enegrece singram os característicos rabelos, ao sabor da corrente, em pontos impetuosa, noutros suave, os grandes lemes estirados como caudas de gigantescos sáurios; e no seu bojo onde à noite cintila o lume no cozinhado de succulenta refeição, ali-

(Continua na pág. 27)



«Portos do tempo da Guerra Peninsular. A garrafeira, coberta de pó e telas-de-aranha atesta a sua nobreza



Um aspecto magestoso do Douro em Ferradosa, com as suas margens alcantiladas



Uma pesca excepcional. Quatro paquidermes do mar, na ilha de S. Miguel

GIGANTES DO MAR

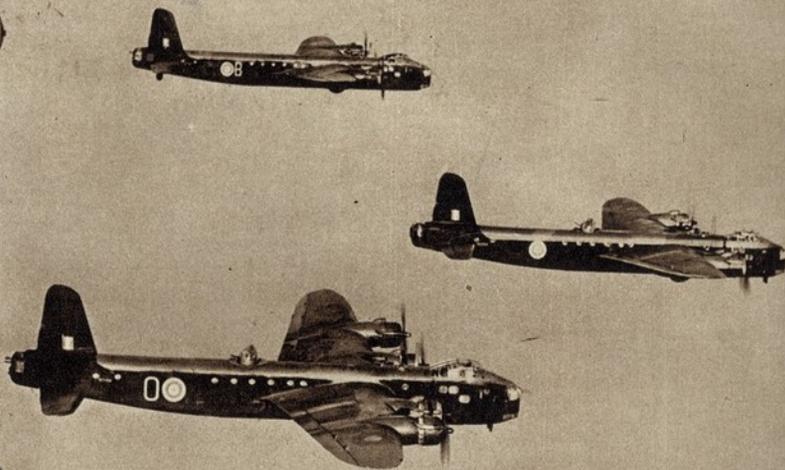
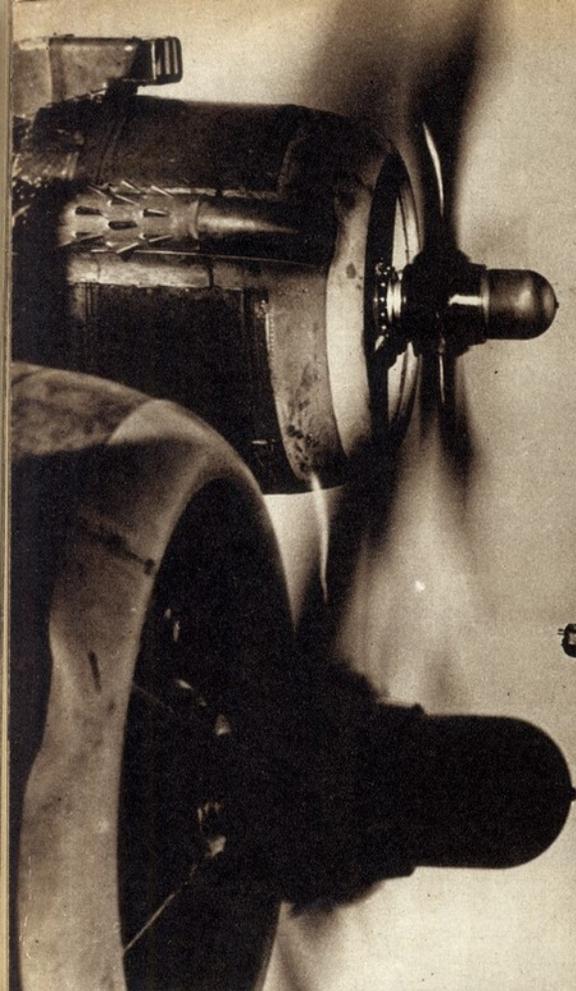
O Mar é para o pescador motivo de vida e cenário heróico de morte. Mas, vida ou morte aquele que não fôr cobarde não arreda pé nem volta a face ao que está escrito na folha do destino de cada um. Ir ao mar arpoar baleias digam o que disseram, é ofício para gente grande, é empenhar com juro de sangue a própria vida. É certo, porém, que muitas pessoas, com a «Zoologia» tirada obrigatoriamente nos liceus, acham exagerada a afirmação. Elas que na maior parte das vezes enjoam na carreira de Cacilhas, têm a baleia como um monstro totalmente inofensivo em sua pachorrenta corpulência. Santa ignorância que és mãe de tanta crítica e virtude de muita felicidade. Felizmente para estas pessoas, para as tais que decoraram a lição, nunca caíram na tentação de se meterem numa canôa frágil como um sonho, vaporosa como um devaneio, trinta e quarenta milhas mar dentro, à cata do tal paciente monstro, todo gordura e toucinho com a gúela tão delicada que mal cabe lá dentro uma lula a rabiar... E ainda bem para elas, as tais pessoas...

É sem dúvida bem remunerado o ofício de arpoador. E pronto... Acabou-se a história dos pescadores de baleia que é feita de heroísmo ignorado, de uma audácia sem principio nem fim, que é luta feroz travada num campo imenso, num espaço delimitado a um lado por estas duas coisas banais e grandiosas: A Vida e a Morte.

F. C.



A baleia leva dias a esquarterar e tudo se aproveita



O poderoso arsenal canadiano. Tanks pesados, saídos das fábricas de Montreal, aguardam, num porto da costa do Atlântico, o momento de embarcar para a Europa

Os famosos aviões de grande bombardeamento ingleses "Stirling", uma das mais brilhantes concepções da técnica aeronáutica moderna

A Campanha de Leste

COM o início da Primavera anuncia-se uma nova fase na campanha da Rússia. É princípio assente que a ofensiva será, mais uma vez, desencadeada pelos alemães na frente leste. Qual é o verdadeiro significado dessa ofensiva? Quais são os elementos, que ela vai pôr em jôgo?

Um perito de guerra continental, o major Hooper, avalia, com elementos de informação autorizados, as possibilidades dos dois adversários que se defrontam. As conclusões, a este respeito, são sempre arriscadas. O major Hooper deseja evitá-las dando às suas considerações um carácter puramente objectivo.

O seu estudo abrange os diversos aspectos que podem interessar à condução da luta na frente oriental.

Material.

O Reich dispõe da produção das suas fábricas e das que funcionam, nos países ocupados. Entre estas contam-se as fábricas Skoda (antiga Checoslováquia,) cuja produção é considerada como o dôbro da produção italiana; as fábricas Crenot (França ocupada) e a indústria de guerra da Holanda e da Bélgica. Esta produção diz especialmente respeito a tanks e aviões.

A U. R. S. S. é considerada, pelo que diz respeito à quantidade de material produzido, em condições diversas. Mas deve considerar-se que uma parte da sua indústria de guerra que funcionava em regiões invadidas poude ser transferida para outras regiões que se não encontram directamente amea-

(Continua na pág. 29)

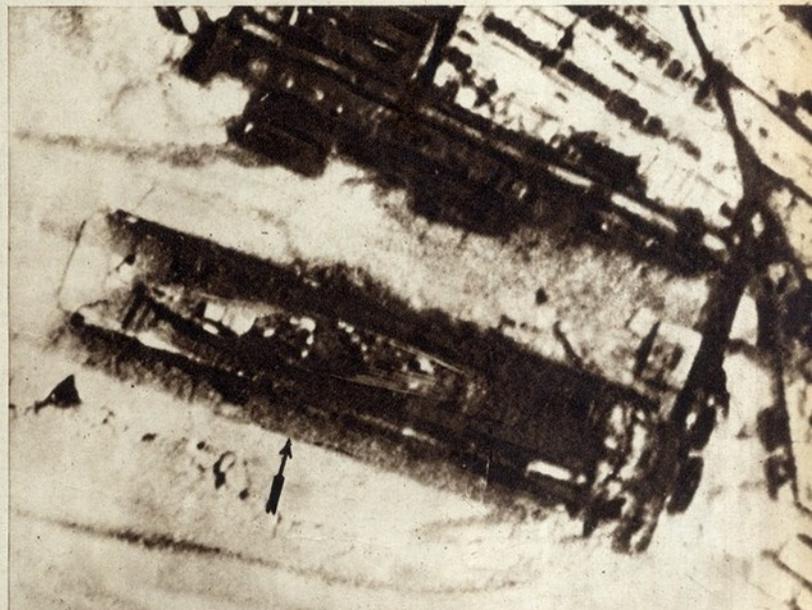
FORAM ATINGIDOS!



Referenciado num dos cais da base de Wilhelmshaven o "Scharnhorst" continua prisioneiro da R. A. F.

A R. A. F. domina o céu da Europa. Sob os olhos perscrutadores das suas águias gloriosas o inimigo está imobilizado. Os seus aviões descobriram nas bases de Kiel e Wilhelmshaven os couraçados alemães "Scharnhorst" e "Gneisenau" onde foram receber reparações dos graves danos produzidos pelas bombas dos aparelhos inglês,

no estreito de Dover. Os flagrantes documentos fotográficos que ilustram esta página, obtidos pelas câmaras dos aviões de reconhecimento britânicos, provam que aquelas unidades alemãs não podem escapar à chuva de metralha dos poderosos bombardeiros da Gran-Bretanha. Eis o "Gneisenau", numa doca de Kiel



Na doca sêca flutuante de Kiel, o couraçado alemão "Gneisenau" recebe reparações das graves avarias que os bombardeiros britânicos lhe provocaram

ções das graves avarias que os bombardeiros britânicos lhe provocaram

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Um elegante vestido de Primavera

Bom gosto e mau gosto

É uma coisa que nasce com a pessoa, o bom gosto.

Mas o mau gosto pode corrigir-se. E quando o caso é irremediável, não há como entregar-se nas mãos duma boa modista, consagrada.

Mas como uma boa modista, nestas condições é, não direi uma ruína, mas, pelo menos, uma grande brecha no orçamento, aqui temos alguns conselhos que podem, talvez, ser aproveitados.

Tem graça um pouco de excentricidade, de «não visto», de «fora do vulgar» a fugir do estandardizado, mas quem não estiver seguro de si, mais vale fugir a sair fora dos rails do usual e do que vem nos figurinos.

ERROS IMPERDOÁVEIS

— Escolher um modelo porque fica bem ao manequim, se o corpo fôr muito diferente: 42 para 46 é um desvio considerável...

— Usar com sapatos desportivos um chapéu de violetas ou véus multicóres.

— Pôr os brincos de brilhantes com o pull-over de malha.

— Não deixar para a noite a sandália que mostra absolutamente o pé e é guarnecida a strass.

— Juntar azul escuro ou castanho com preto. Faz pobre.

— Um chapéu sport só fica bem com um conjunto affim (Affim é uma palavra bonita, não acham? — empregá-la o menos possível porque é pedante).

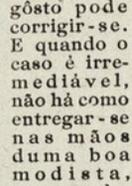
— Pôr rímel nos olhos, logo de manhã.

— Calçar luvas sem ter meias.

— Usar um turbante drapé e oriental com o *tailleur* masculino e a *chemisette* clássica.

— Ir fazer compras com aparatosos brincos de pingentes. Ou então usar os cliques falsos mesmo à noite, em *toilette*.

— Ter as meias torcidas, cruzar inadvertidamente as pernas, usar lenços que não sejam requintados, ter uma saca inferior, estar mal penteada... And so on...



A Significação do seu Nome

Madalena

Etimologia — Do latim.
Significação — Magnífica.
Dia Consagrado — 22 de Junho.

Inteligência e espírito de dedicação. Vontade firme e resoluta. Sob aparência fria, coração afectuoso.

Talismãs:

Pedra — topázio — simbolo de amizade desinteressada.

Côr — amarela — simbolo de esplendor.

Flôr — margarida — simbolo de sinceridade.



Manuel

Etimologia — Do hebreu: Imanuel.

Significação — Deus está connosco.

Dia Consagrado — 17 de Junho.

Qualidades de visão e perseverança em firmeza de idéias senão de sentimentos. Rotina e influenciabilidade.

Talismãs:

Pedra — esmeralda — simbolo de esperança.

Côr — azul — simbolo de bom humor.

Flôr — convólculo ou bonédias — simbolo de fragilidade.

Mãos Brancas

Vigie a circulação do seu sangue. Evite a água muito quente ou muito fria e se a pele é seca, substitua a água pura pela de farelo.

A farinha de milho, adicionada de glicerina e posta em água de *toilette* forma

uma pasta fina que torna as mãos brancas.

E também se pode empregar esta fórmula, que dá bom resultado:

Fécula de batata 50 grs.

Oleo de amêndoas doces..... 100 »

Sabão raspado 20 »

Essência de rosas 2 gotas

Untar as mãos, ao deitar, e dormir com luvas finas.

CASA QUEY

Hosiery Spécialists
OUT SIZES
=

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 20)

M'Donnell concluiu: — Vou imediatamente tratar do caso. Deixando o jantar, partiu à procura do chefe.

Antes de anoitecer seguiu um telegrama informando o «Sidar» que Lord Salisbury, embora não desejando contrariar as suas opiniões quanto à escolha de oficiais, ficaria, pessoalmente, muito satisfeito se o meu desejo de tomar parte nas operações iminentes pudesse ser satisfeito desde que isso não trouxesse prejuízo. A resposta não tardou. Sir Herbert Kitchener tinha já os oficiais que precisava.

Quando me comunicaram a resposta não fiquei muito satisfeito. Entretanto, chegara ao meu conhecimento alguma coisa que fez luzir, de novo, a esperança no meu espírito.

Sir Francis Jame, uma das glórias do fóro inglês, fóra sempre um amigo de minha família. Sua esposa aceitava nas recepções que dava alguns oficiais jovens e também Sir Evelyn Wood ajudante general do exército. Contou-me ela que Sir Evelyn Wood lhe dissera, num jantar, que Sir Herbert Kitchener ia longe de mais no caso dos oficiais novos recomendados pelo ministério da Guerra e que, por sua parte, não estava disposto a ser tratado como até ali por um homem que, afinal de contas, era apenas comandante duma fracção pequena do Exército. As forças egípcias constituíam uma esfera de acção restrita em que a vontade do «Sidar» devia ser absoluta: mas o contingente britânico (uma divisão de infantaria, uma brigada de artilharia e um regimento de cavalaria, o 21.º de lanceiros) fazia parte do corpo expedicionário cuja composição era de atribuições exclusivas do Ministério da Guerra. Disse-me ela que Sir Evelyn não ocultara as suas idéias a esse respeito. Preguntou-lhe se dissera a Sir Evelyn que, no meu caso, o Primeiro Ministro chegara a telegrafar pessoalmente a Kitchener. Respondeu-me negativamente. Pediu-lhe que contasse o caso e veríamos se Sir Evelyn abandonaria as suas prerogativas.

Dois dias depois recebi uma carta laconica do ministério da Guerra:

«Fica arremetido, na qualidade de tenente, no 21.º de lanceiros durante a campanha do Sudão. Deve apresentar-se, imediatamente, no quartel de Abassiyeh, no Cairo. Fica entendido que pagará as despesas de viagem e que, no caso de ser morto ou ferido não terá direito, a qualquer reparação».

Oliver Borthwick, filho do proprietário do «Morning Post», que tinha uma grande influência no jornal, tinha sido meu contemporâneo na escola e era meu amigo. Consciente da máxima napoleónica «na guerra como na guerra», tratei de procurar nessa mesma noite Oliver para enviar uma série de correspondências ao seu jornal, à razão de quinze libras por coluna.

LITERATURA INGLÊSA

ELISABETH BROWNING

ELISABETH Browning, a poetisa que aos doze anos entrou no mundo das letras com um livro de versos, foi das mais curiosas figuras literárias do século passado. A manifestação do seu engenho poético, não seria, talvez, de molde a surpreender-nos se, de facto, essa preciosidade se houvesse manifestado em qualquer criança que não fosse inglesa, criada e educada num ambiente moral nem sempre propício a devaneios.

Seu pai Eduardo Multon Barret, foi um homem tido por excessivamente prático, rispido e autoritário; a disciplina com que encarava todos os actos subordinados à sua vontade enérgica, está bem demonstrada no facto de ter proibido a todos os filhos que se casassem; capricho que aliás nenhum deles lhe satisfiz. Tinha ainda Eduardo Barret uma feição que, de quando em quando, lhe descobria certas rudezas domésticas; pois, não novo, a sua jovialidade se aliava a um azedume zombeteiro.

Contudo, o que nele parecia mais caracteristicamente britânico, era o sentido positivo que atribuía aos factos e às pessoas. Pois, esse homem preciso, contudente, a quem determinadas abstrações de espirito raro mereciam o seu louvor, editou a «Batalha de Marathon», a primeira poesia escrita por sua filha, aos doze anos, e distribuiu-a pelos amigos. E foi ainda ele, o homem tido como rispido que, quando sua filha estava doente, todos os dias a visitava na sua casa de Wimpole Street, e lhe levava braços de flores como se fóra um romântico enamorado da beleza.

Que existam múltiplos e contraditórios pareceres acerca de Elisabeth Browning, não será, de-certo, motivo para estranhar. Que Elisabeth Browning foi fortemente influenciada pela leitura de Camões, já hoje não oferece dúvidas.

Que a poetisa de «Catarina to Camoens» era tratada carinhosamente por seu marido por «portuguezinha» é indiscutível e do conhecimento de todos os estudiosos. O que, porém, subsiste é a incerteza sobre a atribuição daquela epíteto.

Félix Walter no seu livro «Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique», publicado



em Paris, em 1927, obra copiosamente documentada, no ponto em que se refere à poetisa e aos seus amores com Barret, declara o seguinte: «E' surpreendente verificar que a gente nova da época devia saber alguma coisa sobre a literatura portuguesa para fazer boa figura na sociedade. Elisabeth Barret Browning, a jovem amiga e a admiradora de Mrs. Hemans e de Mary Russell Mitford, pertence ao grupo dessas mulheres que liam o português. Elisabeth Barret apaixonou-se muito particularmente por Camões de quem os românticos tinham feito um símbolo».

Um dos mais belos poemas da sua mocidade é «Catarina to Camoens», espécie de resposta poética a um soneto célebre do amante de Catarina de Ataíde, Ah! Natércia cruel, quem te desvia.

Mais tarde, em 1844, em «Vision of poets», ela descreve Camões sob outro aspecto. Al temos, pois, uma poetisa que lia e relia os seus «Lusiadas»; parece que era conhecida como lusófila antes do seu casamento.

Edmund Gosse conta-nos que Robert Browning, que adorava a poesia «Catarina to Camoens», a tratava durante o tempo de noivado, de «a minha portuguezinha»; e foi o próprio Browning quem sugeriu o título «Sonnets from the Portuguese» para a obra prima de sua mulher. «Ela era Catarina, éle o seu Camões»

A. C.

PELE ROEA



REMOCADA



Assombrosa Descoberta dum Médico

As rugas formam-se porque no envelhecermos, a pele perde certos elementos vitais. De-lhes esses elementos vitais e a pele torna-se fresca e jovem. Tal é a descoberta admirável do professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O extracto do centro das células cutâneas profundas de animais novos chamado «Bio-cel» encontra-se agora no Creme Tokalon, Cór de Rosa. Aplique-o todas as noites antes de se deitar. Alimentará e rejuvenescerá a sua pele durante o sono. As rugas desaparecem rapidamente. Numa semana parecerá 10 anos mais nova. De dia empregue o Creme Tokalon Cór Branca, Alimento da pele. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados; torna, em poucos dias, branca, doce, e enveludada a pele mais escura e mais áspera. Garantem-se óptimos resultados, de contrário devolve-se o dinheiro. À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende as voltas do correio.

LEGENDA DUM RIO

(Continuação da pág. 22)

nam-se as pipas, às dezenas, com destino aos armazéns de Gaia, para dali seguirem para os portos da nossa Aliada.

Nas noites enluaradas quando o astro nocturno se reflecte em miríades de prata na quietude das águas que se espalham nos pontos mais largos, geme a viola e uma voz forte entoa uma dessas alegres canções do Douro. Os ecos longínquos repercutem os acordes do rústico instrumento.

E sempre, desde a Régua ao Porto, os «rabelos» sulcam as águas com o seu leme gigantesco manobrado pelo pulso hercúleo do arrais. E, no regresso, o vento enfina as velas, enormes velas brancas que dão aos «rabelos» o aspecto de enormes gaiotas roçando voluptuosamente a cauda pela água.

O CRUZEIRO

NOVELA

de JOAQUIM NAMORADO

O esforço das gerações, de pai e filho o mesmo duro trabalho como única herança, arrancara aquêle pedaço de escarpas da montanha e o tornara fértil. Quem olhasse de longe e o visse apertado entre ravinas pedregosas teria a certeza imediata de que o muro de pedra solta que o defendia da natureza bravia em redor era frágil muralha sustentada apenas pela obstinação do trabalho humano. O suor e o sangue dos homens fecundava a fraga, esta lhe exigia em troca a vida dada pouco a pouco numa batalha e num amor contantes, assimilando-o, como se o sangue das veias fôsse um continuo alimento.

Tôda a vida da casa é esta luta persistente por um pão precário, planta dêste chão pedregoso e pouco rico cujas raízes conseguem penosamente o alimento nas fendas abertas no rochedo. Nem um momento de descanso, nem um instante de desalento, a serra parece çosa do torrão roubado à sua esterilidade: ervas daninhas invadem os cultivos, torrentes arrastam os muros, os regatos desviam-se do seu caminho e as pedras parecem nascer da terra.

O tilho abalara para a cidade, o esgotamento do pai e as fracas forças das duas mulheres eram pouco para o amanho do campo. Assim, quando Inácio apareceu oferecendo trabalho ficara pelo comer e por uma jorna pequena «que os tempos vão maus para todos».

Sentiu-se acanhado na casa estranha onde o tratavam com o pouco à-vontade dos recentemente conhecidos; à ceia, comeu menos do que a sua fome pedia. Ainda naquela tarde o velho apontou-lhe os trabalhos mais urgentes a fazer, porém, as falas foram poucas. A maneira que os dias decorreram, foi desaparecendo o primitivo acanhamento e, agora, depois da ceia, ficava a conversar um pouco, «histórias passadas».

Não corria bem a vida na sua terra, em Traz-os-Montes, donde vinha, para quem, como êle, possuía apenas a riqueza dos braços. Não tinha ninguém, os parentes afastados mal os conhecia, viera por ali abaixo «que a nossa terra é onde a gente o ganha». Trabalhava no campo ou no que fôsse preciso, fôra aprendiz de pedreiro para Espanha, com um mestre de obras que o deixou na Galiza sozinho com as poucas pesetas de economias. Ali fôra caixeiro, depois contrabandista. Conhecia a raia a palmas mas a candonga é vida arriçada que não dá nada: ganha-se bem um ano para se perder tudo de uma só vez se a mercadoria é apreendida. Foi denunciado e esteve preso em Salamanca um ano, voltou à terra e agora ali andava. Contava pilhérias, casos, coisas que vira e sofrera, e com um modo capaz de interessar o auditório, mas velho o não podia compreender aquela vida, como as estevas da montanha mal enraizadas no terreno pobre não devem compreender a migração das sementes em busca duma terra fértil. A mãe tinha pena dele, de todos «que andam perdidos no mundo» por quem pedia nas suas orações. Para Gracinda era uma vida vinda de longe, de fora daquelas penedias, diferente daqueles dias sempre iguais, ouvia as suas histórias ao mesmo tempo com interesse e com surda hostilidade, uma coisa estranha na sua vida, a sua natureza, agreste como as montanhas, repelindo o eco de

quebrado em quebrado mas acabando por absorvê-lo.

Não se podia dizer que fôsse bela, no rosto queimado pelos ventos gelados da serra só os olhos tinham um certo encanto, negros e expressivos como os de um bicho do mato, tôda a iris concentrada num ponto. Vivera sempre ali entre penedos, raras vezes mesmo indo até à aldeia — em tempos quisera ir servir para a vila mas o pai se opusera: «o caldo e a broa tinha-os ali certos». A lida da terra fizera o seu corpo sêco e duro.

Gracinda e Inácio trabalhavam lado a lado horas a fio, tôdas as palavras trocadas sobre coisas indiferentes, entregues apenas ao que estavam realizando: cavar uma leira, abrir um rêgo de água, levantar um muro. Inácio mal reparava nela, sentia-a distante e cada fazia para se aproximar. Da parte dela a mesma aparente indiferença. Ne entanto, Gracinda fôra perturbada pela sua presença: se havia no seu intimo uma má vontade contra o estrangeiro que vinha insinuar-se na sua vida, surgia simultaneamente o desejo de vê-lo alterá-la, mas sabia como — um milagre: duas faces do mesmo sentimento.

Pouco a pouco a vida de Inácio apôderara-se imperceptivelmente da sua, depois de deitar-se nem sempre conseguia dormir e então revia as últimas histórias contadas, chegava a sonhá-las mesmo. Apesar disso nenhuma comunhão ou aproximação real entre ambos.

Passara o Inverno, pelas ravinas as torrentes eram menos tempestuosas, o frio menos intenso, o sol mais quente. António viera de licença, olhava Inácio como um intruso e quando voltou à cidade havia entre ambos mais do que indiferença. As plantas rebentavam por todos os poros da terra, vestiam-se até as ravinas da serra agora menos duras e agrestes. O velho esperava a Primavera com furor, não houvera lume que lhe aquecesse o sangue, a pele sêca moldara-se mais aos ossos e os tendões salientaram-se como grandes cordas hirtas, os olhos cinzentos cada dia mais desbotados, mais derruidos como a luz que lentamente se apaga.

Uma tarde, Inácio e Gracinda tinham ido ceifar erva para o gado. Era o primeiro dia quente do ano. Como habitualmente, mantinham-se distantes, as poucas palavras ditas apenas balbuciadas. Quando êle apertava um feixe a foíce que viera entre as ervas enterrara-se-lhe no ante-braço. O sangue corria do golpe profundo aos borbotões, vermelho e vivo, tumultuoso. Todo o sêr de Gracinda ficara presênto aos mais dispares sentimentos, simultaneamente espanto e terror.



Era assim a Gracinda...

Quando as suas mãos procuraram tremulas estancar o sangue, com a faixa feita dos lenços sentia o sangue correr entre os seus dedos; uma estranha sensação a tocava no mais profundo de si mesma, um desfalecimento tomava brandamente todo o seu corpo numa entrega absoluta, física, sem reservas.

Pouco a pouco o sangue deixara de correr. De olhos fechados Inácio senti aos dedos passar sobre o seu braço rijó.

Isto dava-lhe uma sensação de solicitude, de ser acarinhado, era como se voltasse a ser pequeno, às carícias da mãe, e obstinava-se em continuar de olhos fechados como se assim pudesse prolongar aquela sensação. Quando a mão de Gracinda ia deixar o braço ligado, apertou-lha contra êle com a outra mão. Não houve palavras entre ambos, mas ali se revelaram um ao outro homem e mulher.

Gracinda era outra, o amor fecundava a sua natureza como o sol novo e quente da Primavera faz despontar as plantas nas terras mais pobres, até o musgo das fragas. A mudança não escapara aos pais. O velho, que a morte ganhava dia a dia, quasi terra já, resmungava: «viste passarinho novo... viste passarinho novo, raios vos partam!». Quando apareceu grávida «que fôsem os dois para a rua, que é o lugar dos caís — poucas vergonhas é que não as queria na sua casa, enquanto tivesse os olhos abertos». Sairam

ATAQUE A INDIGESTÃO

DESTA MANEIRA
FÁCIL



UMA DOR
UMA RENNIE
UM SORRISO!

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, meta-as na bôca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, ver-se-á livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Todas as farmácias as vendem.

da terra. António voltou: «tívera sorte o malandro, se êle estivesse em casa não havia ir a rir-se...». Não se ouvia falar deles. Até que um dia, depois uns tempos do velho morrer, viram Inácio voltar à aldeia. «Vinha receber o que era dele e da mulher», dizia, e esteve tôda a tarde na taberna pagando rodadas «à saúde».

Um vizinho gritara a António: — «O teu cunhado está na Freixoira, na taberna do Inguicho, diz que vem buscar o que é de tua irmã».

— Ah, o ladrão! Entrara ali em casa, comera o seu pão, desonrara-os a todos, acabara de matar o pai e vinha dividir ainda o suor das suas vidas. Mas isso, nunca!

Examinou as escorvas dos cartuchos, meteu-os na arma. Anoitecera. As primeiras estrelas brilharam a medo. Mas António não via as estrelas, não ouvia o rumor dos pinhais, todo o ser concentrado se dirigia a um só alvo.

Quando o vulto saiu cambaleante da curva da estrada, não perguntou quem era, havia em si a certeza de que era o outro. Inácio nem teve tempo de reconhecê-lo. Os canos da espingarda brilharam na noite, o estampido e o clarão de um tiro encheram num instante a sua consciência; de pois tudo se apagou.

Foi perfeitamente inútil António gritar-lhe: «Aí tens a tua parte! Temos as contas saldadas!»

Uma cruz no caminho da serra, dois traços sobre uma vida que ali findou violentamente, marco às paixões dos homens que a terra dividiu.

A CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da página 24)

cadras. Por outro lado os bombardeamentos da aviação britânica em certas zonas que produziam material de guerra para o Reich (região de Paris, Essen, etc) diminuíram a totalidade da produção alemã. Finalmente há que entrar em linha de conta com os fornecimentos de origem inglesa e americana.

Efectivos.

O Reich procurou reconstituir os seus efectivos desfalcados pelos duros combates que se verificaram na frente leste desde o dia 22 de Junho do ano findo até agora, imprimindo à sua acção militar uma política de aliança que põe à disposição do seu Estado Maior efectivos dos países aliados: Finlândia, Hungria, Romênia, Bulgária, Eslováquia. Alguns destes países encontram-se duramente experimentados pela guerra. Outros não desejam arriscar os seus soldados em campanhas fora das fronteiras nacionais. Os recentes incidentes ocorridos na Transilvânia demonstram que são sobretudo os soldados alemães que devem suportar o peso principal da ofensiva da primavera. Calcula-se entre duzentas e trezentas divisões o total dos efectivos que o Reich deve pôr em linha contra os exercitos soviéticos. A U. R. S. S. vê também as suas forças deminuídas em consequência das exigências da luta durante o inverno. A sua base de recrutamento é maior do que aquelas que dispõe o Reich (uma população de cento e sessenta milhões de habitantes, no primeiro caso, para uma população de noventa milhões, no segundo). Sir Staford Cripps, no último discurso que proferiu em Londres antes de partir para a Índia, calculava que os soviéticos podem pôr em linha cerca de oito milhões de homens (quatrocentas divisões) para as operações da primavera. A margem da superioridade dos russos poderá ser compensada apenas pelo concurso efectivo dos aliados do Reich. Para isso é indispensável que se estabeleça previamente um acôrdo político capaz de fazer traduzir em actos a colaboração da Itália e dos países balcânicos.

Estrategia geral.

O Reich, como a U. R. S. S. faz uma guerra de coligação cujo desenlace depende, em boa parte, dos seus associados. O principal desses associados é o Japão. As vitórias que este país tem alcançado no Pacifico traduzem, até agora, só vantagem de ordem nacional sem repercursões apreciáveis na condução geral da luta. A U. R. S. S. mantém livres algumas vias de comunicação com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. E' pelo porto de Murmansk, ao norte, e pelo litoral do Irão, no sul, que recebe os fornecimentos anglo-saxónicos.

Tática local.

E' de calcular que os dois adversários procuram apresentar novos modelos de armas durante a ofensiva da primavera. Do lado alemão anunciam-se tipos de aviões desconhecidos; do lado russo fala-se de tropas paraquedistas e de modalidades inéditas na guerra de rectaguardas. O alemão continuará a ser um soldado para a ofensiva enquanto o russo será um soldado para a defensiva. A experiência dos últimos tempos demonstra que a primeira só pode aspirar a vitória total na medida em que conseguir aniquilar completamente o segundo. Enquanto isso não acontecer, a luta prolongar-se-á e a bravura das tropas será condicionada pela capacidade de existência das frentes modernas. E' segundo o critério do major Hooper, dentro do quadro destas realidades, que vai desenrolar-se a campanha da primavera, a leste.

Carlos Ferrão

A DEFESA DA AUSTRÁLIA

(Continuação da pagina 8)

O Japão começa a sentir as suas primeiras dificuldades ao longo das linhas de comunicação que se tornam intermináveis.

As três mil milhas que separam o arquipélago nipónico da Austrália constituem uma ameaça permanente.

Embora os japoneses tenham fortificado poderosamente alguns pontos importantes desse caminho extensíssimo, como a de Fiji e Samoa, os americanos, na previsão dos acontecimentos, procederam de maneira idêntica no espaço compreendido entre as costas do seu país e as Hawaii.

A palavra de ordem para os aliados que se batem no Pacifico passou a ser não apenas resistência, a todo o transe, mas ofensiva, a todo o custo.

A presença de poderosas unidades navais nas águas australianas é o penhor de que essa palavra de ordem será cumprida.

OS OLHOS DO MAR

(Continuação da página 13)

marítima. Tomou conta do emprêgo por capricho do destino ou vocação instintiva. De qualquer forma, porém, não tardou a adaptar-se, não demorou quasi nada a apaixonar-se por esse trabalho que exige muitos cuidados e dá poucas compensações. E logo que se apercebeu de que há melhores pagas do que as moedas que homens inventaram para saber entre si gestos e colaborações, sentia a alma inundada de alegria. O pouco que lhe dão, chega e sobeja-lhe para sustentar o corpo.

Os verdadeiros e acarinhadoss lucros da sua profissão encontram-se nos pensamentos que, de longe, lhe dirigem os marinheiros: «Obrigado, faroleiro, pela luz do teu farol. Deus te pague, faroleiro, pelo aviso que nos dá...» E o homem anónimo, com as mãos besuntadas de óleo, vi-gliando as máquinas e os projectores, sente-se irmão delicado de todos os trabalhadores do mar. Uma ou outra ocasião quando a asa da desgraça passou mais baixo, há um barco que vem estilhaçar-se, mesmo de encontro ao farol. Gritos, súplicas, lágrimas... O faroleiro corre, amparara os feridos e arranca à fome das vagas os que já são cadáveres. Dá-lhes do seu pão e as suas orações. E, na noite seguinte, ao retomar o trabalho, esse trabalho de poeta e de santo, continua a pensar e a desagravar-se, devotadamente, aos que andam sobre os mares, abraçados à aventura e à necessidade de viver.

O faroleiro é sempre amigo de todos os homens. Da sua torre, diz aos barcos que chegam: «Sede bemvindos». E, aos que partem: «Fazei boa viagem». Fica com os ouvidos, sensíveis como antenas, aos menores gemidos vindos da Costa. O vozear da chuva e do vento não o enganavam. Ele sabe distinguir como ninguém as súplicas que sobem do fundo dos corações atormentados. «Faroleiro, estamos em perigo!» E o homem desce as escadas esguias e vai recolher os naufragos e vencidos do temporal. Oferece, sempre, sempre a sua vida à vida dos marinheiros. E a sua maior satisfação é quando, ao alvorecer, pode traçar no diário do farol estas breves e serenas palavras: — «Esta noite, não houve nenhuma desgraça. Deus seja louvado!».

A.



A MÁQUINA DE ESCREVER
MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, 1.º E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PORTO

JÓIAS DE HÁ QUATRO MIL ANOS

(Continuação da página 19)

discipulo querido do mestre, o sr. dr. Manuel Heleno, dirige com notável proficiência.

Entre o seu património variado e valioso, encontram-se umas famosas jóias, cujo núcleo principal é constituído pelo denominado tesouro de Moura. Estão fechadas numa casa forte, e guardados por terríveis cereberos. Quantos milhares de anos tem essas alfaias com que todas as mulheres desejariam adornar-se e que, apesar da sua multi-secular idade, parecem ter sido feitas ontem? Nunhum joalheiro do Pôrto ou da Regent Street obteria uma tão pura simplicidade de linhas! Parecem desenhadas por um grande artista. Os seus finos lavoures, a graciosidade dos ornatos, a sua expressão naturalista são impecáveis! O tesouro de Moura tem uma história — uma história das mil e uma noites! Foi encontrado em Maio de 1430, na herdade do Alam, freguesia do Sobral da Adiça, por um trabalhador, quando desmoltava um olival. Milagre! A enxada revolvendo a terra trazia oiro. O homem assombrado, ajoelhou e cavou o resto com os mãos, que vinham à superfície cheias de maravilhas.

O tesouro de bronze é constituído por cinco jóias, entre as quais, um colar, laminiforme, que pesa 209 gramas, e um bracelete elíptico com 190, todos do segundo período da época de bronze. Foi adquirido pelo sr. dr. Manuel Heleno que assim enriqueceu, notavelmente o património nacional.

Outras jóias, de diversas épocas, e procedências, enriquecem a «ourivesaria» prehistórica do Museu Etnológico.

OS LIVROS DA QUINZENA

Do Diário de José Maria

Ramada Curto é um observador — e um filósofo. É, sobretudo, o filósofo que sabe interpretar a vida com um sorriso de ironia, um sorriso indefinível que pode precipitar-se numa gargalhada ou desaparecer na transparência de uma lágrima. Este é o seu processo, porque ele é sempre, mesmo sem o querer, o dramaturgo que sabe comunicar directamente intimamente,

com o público, que conhece e maneja ao sabor da sua rara sensibilidade. «Do Diário de José Maria» (edição da «Vida Mundial») é um livro de crónicas, independentes entre si, mas onde vive sempre o mesmo «protagonista»: José Maria (famoso a acrescentar Ramada Curto), um romântico de todos os tempos que não desdenha uma pontinha de sarcasmo.

Esteiros

Suponho que Soeiro Pereira Gomes é um estreado na literatura portuguesa. O livro apareceu sem o que o seu nome nos dissesse alguma coisa — que os nomes, feitos muitas vezes não se sabe como, têm geralmente um rótulo catalogado, adaptável na primeira referência. Talvez que nem sequer em torno dele se tivesse criado um movimento de natural interesse, de irreprimível curiosidade. É possível.

Quanto a nós, lamentamos só que esta secção não vá além de um simples registo bibliográfico, porque a obra merece, sem favores nem empenhos, crítica justa — aquela crítica que extrai valores e define posições. Os adjectivos só bastam para os mediocres que aspiram à imortalidade. Esses é que os aceitamos e os agradecemos. Não deve ser este o caso de Soeiro Pereira Gomes, que nos dá uma obra séria. Séria — eis tudo. Esteiros é, sem dúvida, um dos melhores — senão o melhor — romance escrito há umas dezenas de anos a esta parte. (Edição «Sirius»).

As Minhas Memórias

A Parceria António Maria Pereira acaba de publicar o segundo volume das «Minhas Memórias» de Winston Churchill, traduzidas pelo nosso prezado colaborador Carlos Ferrão.

O primeiro ministro inglês é a primeira figura da política internacional. Nele se concentram milhões de olhares ansiosos dos destinos do Mundo. Do seu gesto e da sua palavra suscitam-se a atenção de todos os povos. Ele não surgiu, porém, como por encanto, só porque era necessário que alguém se revelasse. Construiu, ele próprio, através da sua vida de frio lutador imperturbável, a vitória alcançada. Ninguém, como ele, soube sempre tirar dos acontecimentos o valor real das verdades esmagadoras. Só ele viu o futuro, e por isso apareceu no momento culminante.

N. da R. — Só nos referimos nesta secção às obras de que nos forem enviados dois exemplares.

CINEMA

NOVOS FILMES



Diana Lewis, que admiramos em «Eddie Cantor, ama-séca»

Walt Disney está preparando a adaptação, à tela, de «Peter Pan», segundo a famosa obra de Sir James Barrie.

O próximo filme de Tyrone Power intitula-se «The King's Secret», cuja acção tem por cenário a Inglaterra do séc. XVIII.

O realizador polaco Eugene Cekalski e o actor Derryck Marney concluíram, em Londres, a feitura de «A Nation in Exile», cuja história foca a acção dos pilotos polacos incorporados na R. A. F.

Lucille Ball, uma das mais categorizadas vedetas da R. K. O. está filmando «Passage du Pordeux».

Nos estúdios de «Shepherd Bush», em Londres, terminou a filmagem de «O Joven Mister Pitt», com Robert. A realização está a cargo de Carol Read.

O famoso pugilista Billy Coon acaba de fazer a sua estreia cinematográfica em «The Pittsburg Kid», sob a direcção de Jack Tourney, e em que tem por parceiros a deliciosa Jean Parker, Dick Purcell, Alan Baxter, Veda Ann Borg e Jonathan Hale.

BREVEMENTE nos Cinemas Portugueses:

- «A ESPADA D'HONRA»
(The Sword of Honor)
- «FRAQUEZAS DO AMOR»
(The Minstrel Boy)
- «DOIS AZELHAS COM SORTE»
(Jail Birds)
- «FRONTEIRAS DA VIDA»
(Anything to Declare?)
- «TREZ HOMENS SILENCIOSOS»
(Three Silent Men)
- «A SOGRA DE CHARLEY»
(Old Mother Riley in Paris)
- «JORNADA NOCTURNA»
(Night Journey)
- «RAPTO À FORÇA»
(You're the Doctor)

PRODUÇÕES DA



E SEGUE...

Representante para Portugal, Império Colonial Português e outros países:

J. S. DE BRITO Avenida Almirante Reis, 31, 1.º — LISBOA

**UM MILAGRE
DA
GUERRA**

ANTES da eclosão do actual conflito, os estúdios britânicos viviam em permanente regime deficitário. Durante muitos anos, raras foram as vezes que os seus exercícios de laboração fecharam com saldo positivo... Como admitir semelhantes resultados num país que oferece surpreendentes possibilidades de amortização e de expansão? Restringiam-lhe a compra, que era uma fórmula de anular tôdas as possibilidades de expansão, ou estabelecendo um regime de permuta subordinado a condições de exploração tão onerosas como esta: obrigatoriedade de exibição, nos primeiros cinemas britânicos, de certo número de filmes estrangeiros por cada filme inglês adquirido sob aquela mesma cláusula. Esta modalidade de exploração, actuando em forma de regime contingente sobre a economia cinematográfica inglesa, proporcionou, como consequência imediata, a invasão do mercado de Londres e o controle de exibição em quasi todos os cinemas. Atingido este objectivo, que correspondia a um golpe profundo nos ideais de emancipação de muitos produtores, artistas e realizadores britânicos, fácil se tornou emperrar o «mecanismo» de produção dos estúdios.

Perante a eminência duma derrocada, algumas entidades tentam a conquista de mercados estrangeiros. Os resultados desta tentativa foram negativos. O velado obstructionismo, estabelecido à sua volta gera o caos dentro dos estúdios, força os produtores a restringir a realização de filmes e anula todo o seu espirito de competição. Entretanto surge a guerra. A necessidade que o cinema inglês sente de se bastar a si próprio, de congregar a boa vontade de todos e de, como imperativo de consciência, proteger os altos da economia nacional, força todos os seus mentores a abraçar a grata missão de renovar o mecanismo espiritual dos estúdios; de refundir tôdas as suas células e processos de trabalho; de criar novas directrizes estéticas e acelerar todos os planos de produção para suprir as necessidades de cerca de cinco mil cinemas britânicos. Uma obra digna de gigantes! Quantos sacrificios não exigia a sua consecução?

O que então se reputava impossível — é hoje, como frequentes vezes o temos demonstrado nestas colunas, uma realidade brilhante. Foi o público, animado pelos belos idealismos da juventude cinéfila, que tornou possível a toda a comunidade britânica constatar o surpreendente esforço duma geração, que não hesitou em suportar uma dura e cruel experiência para, depois, ter o orgulho de gritar, bem alto:

— O cinema inglês continua!

Esse esforço espantoso, que sentimos modelado pela fé patriótica e pelo obstinado enlêvo de colocar o cinema britânico na vanguarda de todos os centros europeus de produção, não teme a adversidade — porque soube aproveitar a lição do Passado. A mentalidade dos seus novos realizadores e artistas reflectindo, em todos os filmes, a imagem radiosa da Gran-Bretanha através de todos os seus factores de sugestão, continua a espalhar, num fremente debate de negar o direito de oprimir, a grandeza, erva e palpitante, do génio imperfeível duma comunidade que luta para estreitar ou ligar, cada vez mais, os laços fraternos que prendem a outras fronteiras...

Esta convicção inabalável trás a nossa alma em festa!

O cinema inglês continua. As provas estão à vista.

Um milagre da guerra? Sim.

António Lourenço



A bordo do seu iate, Ann Rotherford sente-se tão feliz como dentro do estúdio, quando enfrenta as câmaras...



Outra extraordinária criação de Bette Davis: «A carta». Desta vez, o seu parceiro é Herbert Marshall



Robert Taylor e Vivien Leigh numa cena do admirável film «A ponte de Waterloo»

MUNDO GRÁFICO



A poderosa
ofensiva
da
R. A. F.
esmaga
a indústria
de
guerra inimiga